

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**PROFA. LÚCIA M. LIPPI DE OLIVEIRA**

**ALEXANDRE FONSECA FRIGERI**

**OS ITALIANOS, VINHO E TURISMO:  
O VALE DOS VINHEDOS NA SERRA GAÚCHA**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, março de 2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE  
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS  
MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS**

**OS ITALIANOS, VINHO E TURISMO:  
O VALE DOS VINHEDOS NA SERRA GAÚCHA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado por

**ALEXANDRE FONSECA FRIGERI**

**E  
APROVADO EM  
PELA BANCA EXAMINADORA**

---

**PROFA. LÚCIA M. LIPPI DE OLIVEIRA  
(ORIENTADORA)**

---

**PROFA. ANGELA MARIA DE CASTRO GOMES**

---

**PROF. PAULO CESAR STILPEN**

---

**PROFA. MARIANA CAVALCANTI ROCHA DOS SANTOS**

Aos meus pais e à minha avó Cantidia, pelo amor,  
orientação e dedicação ao longo de suas vidas.

## **Agradecimentos**

Ao CPDOC, onde encontrei um ambiente apropriado para os estudos e crescimento intelectual.

À minha orientadora, profa. Lúcia Lippi de Oliveira e à profa. Ângela de Castro Gomes, coordenadora do Programa de Pós-Graduação, pela contribuição de grande relevância para o desenvolvimento do presente trabalho.

Sou grato aos meus familiares, em particular à minha irmã Claudia, pelo seu incansável apoio em reunir o material de pesquisa em Caxias do Sul. Ao meu irmão Marcelo e minha cunhada Suzane pela hospedagem em Caxias do Sul e pelas idas e vindas ao Vale dos Vinhedos.

À Claudia Boccia pela amizade e presteza nas questões relativas à formatação da dissertação.

Aos srs. Plínio e Flávio Pizzato, da Pizzato Vinhos e Vinhas, pela recepção e pela disponibilidade em conceder as valiosas entrevistas.

Finalmente, ao Renato Boschi pela força e companheirismo de sempre.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo 1</b>	
<b>A Imigração Italiana na Serra Gaúcha:</b>	
<b>Das Colônias ao Desenvolvimento Regional</b> .....	13
I – Introdução .....	13
II - Imigração, Colônias e Identidade Cultural.....	15
III - Viticultura e Desenvolvimento Regional.....	21
IV – Conclusões .....	23
<b>Capítulo 2</b>	
<b>Histórico do Vinho na Serra Gaúcha:</b>	
<b>A Festa da Uva, Tradições Inventadas e</b>	
<b>as Bases Culturais do Enoturismo</b> .....	26
I – Introdução .....	26
II – O Vinho no Brasil: Uma Breve Caracterização.....	31
III – A Festa da Uva de Caxias do Sul como Embrião do Enoturismo.....	34
IV – Conclusões .....	42
<b>Capítulo 3</b>	
<b>Da Empresa Familiar à Produção Globalizada:</b>	
<b>Tradições Italianas e o Enoturismo no Vale dos Vinhedos</b> .....	45
I – Introdução .....	45
II – O Vale dos Vinhedos e o Enoturismo na Serra Gaúcha .....	49
III – Personagens, Identidades e Percepções: Tradição e Modernidade	
em um mesmo Espaço.....	57
IV – Conclusões .....	63
<b>Considerações Finais</b> .....	65
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	68
<b>Anexo 1</b> .....	71
<b>Anexo 2</b> .....	72

## **Resumo**

A presente dissertação trata do enoturismo na Serra Gaúcha, tendo como um fio condutor o processo de imigração italiana para a região e a manutenção de identidades e tradições ligadas ao cultivo da uva e à produção do vinho. O cerne do argumento é a importância das tradições italianas como um fator na criação das identidades coletivas regionais e de articulação entre passado e presente. Discute-se como as tradições engendram a produção da modernidade no âmbito das empresas e das atividades turísticas na região. Argumentamos que o apelo às tradições de origem é fruto, em primeiro lugar, do processo de imigração italiana para esta região do Nordeste do Rio Grande do Sul. Em seguida mostramos como a Festa da Uva, a primeira das comemorações, reinventa a tradição e se constitui no motor e base para o turismo na região. Finalmente, mostramos como a permanência da identidade nacional italiana atua como um fator de inovação, sobretudo nas técnicas de produção do vinho e da organização das atividades empresariais na região, numa síntese entre aspectos da tradição e da pós-modernidade.

**Palavras-chave:** tradições italianas, vitivinicultura, turismo

## **Abstract**

This dissertation focuses on wine and tourism in the Serra Gaúcha region of southern Brazil. The main axis is defined around the process of Italian immigration to this region and the role of the traditions associated with the production of wine. Italian traditions are viewed as a factor both in the production of collective identities and articulation between past and present, in terms of the process of modernization of enterprises and the creation of touristic activities. We treat the *Festa da Uva* as the first of the traditions for the development of tourism as connected to wine and the Italian background. Next, we focus on the nature of the process of immigration and the way in which the cultural Italian heritage shaped, at the same time that it has constituted a source for the renewal of entrepreneurial activities in the region, in a kind of synthesis between the past and post-modernity.

**Key words:** Italian traditions, wine, tourism

### **“Merica, Merica**

Dal’Italia noi siamo partiti  
Siamo partiti col nostro onore  
Trenta sei giorni di machina e vapore  
E in Merica noi siamo arrivá

Merica, Merica, Merica  
Cosa sarala sta Merica  
Merica, Merica, Merica  
L’è un bel mazzolino di for

A la Merica noi siamo arrivati  
No abiam trovato ne paglia ne feno  
Abiam dormito sul nudo terreno  
Comme le bestie abiamo riposá

La America l’è lunga e l’è larga  
L’è formata di monti e di piani  
E con l’industria dei nostri italliani  
Abiam formato paesi e citá”

### **Mérica, Mérica**

Da Itália nós partimos  
Partimos com nossa honra  
Trinta e seis dias de trem e vapor  
E na América chegamos!

Mérica, Mérica, Mérica  
O que será esta América?  
Mérica, Mérica, Mérica  
É um belo ramalhete de flores

Na América nós chegamos  
Não encontramos nem palha nem feno  
Dormimos sobre o terreno nu  
Como os animais repousamos

Mas a América é longa e é larga  
É formada de montes e planícies  
E com o talento de nossos italianos  
Fundamos vilas e cidades”

(Letra da canção Merica, Merica, na qual os italianos recém-chegados descreviam e expressavam os seus sentimentos e expectativas acerca da terra que os recebia; adaptada por Caetano Veloso e Jaques Morelembaum como trilha sonora do filme *O Quatrilho*, de Fábio Barreto).

## Introdução

A presente dissertação trata do enoturismo na Serra Gaúcha, tendo como um fio condutor o processo de imigração italiana para a região e a manutenção de identidades e tradições ligadas ao cultivo da uva e à produção do vinho.

O meu interesse maior por esse trabalho está diretamente ligado às minhas raízes como neto de italianos, por ter nascido na Serra Gaúcha e, durante a minha infância, adolescência e, mesmo na idade adulta, ter convivido e participado de vários eventos onde as tradições locais eram contempladas. Do *capeletti* em brodo, de um inverno quase sempre rigoroso, acompanhado pela mão do meu pai em visitas à casa da minha *nona* Catarina, ouvindo o dialeto do Vêneto. Dos almoços dominicais, com primos e tios, que, às vezes, totalizavam cerca de vinte pessoas à mesa, falando com as mãos, no melhor estilo italiano, como num roteiro de filme de Federico Fellini. Mas, principalmente, vem à mente a expectativa da chegada do ano em que ocorreria a Festa da Uva, para ver o curso alegórico, os turistas e as programações do evento. São as tradições ligadas às origens italianas da minha família que me remetem às boas lembranças do passado as que, em última análise, constituíram a motivação para o conteúdo e o foco analítico da dissertação.

O cerne do argumento se situa precisamente na importância das tradições italianas como um fator na criação das identidades coletivas regionais mas, ao mesmo tempo, frente aos desafios ao longo do tempo, na produção da modernidade no âmbito das empresas e das atividades turísticas na região.

Mais especificamente, nossa análise focaliza o papel das tradições italianas em relação a alguns dos desdobramentos recentes no ramo do turismo que, por sua vez, se nutrem das atividades empresariais vinícolas no Vale dos Vinhedos, gerando um círculo virtuoso em termos dos processos de desenvolvimento regional.

Argumentamos que o apelo às tradições de origem é fruto, em primeiro lugar, do processo de imigração italiana para esta região do Nordeste do Rio Grande do Sul. É assim que, em virtude de uma combinação positiva entre as políticas imigratórias do governo brasileiro do século XIX e as características do contingente populacional que “colonizou” a Serra, se gerou uma configuração muito particular na qual o apelo às origens, num primeiro momento, foi responsável pelo reforço dos vínculos sociais num ambiente estranho e, mais tarde, passou a operar como uma “tradição inventada” que confere sentido à existência e organiza a vida social e econômica no plano local. Em outras palavras, a tradição e o apelo ao passado, possível de ser claramente definido em torno da atividade vitivinícola, é o instrumento, por excelência, que garante a competição das empresas e, nesse sentido, a própria sobrevivência individual, num mundo cada vez mais integrado pelos circuitos globalizados.

Para dar conta do processo que vai do assentamento dos italianos na Serra, passando pela invenção da tradição com as comemorações que vinculam o cultivo da uva e a produção do vinho à imigração, até chegar ao contexto de uma atividade empresarial moderna e competitiva que tem, no enoturismo, um de seus desdobramentos mais recentes, organizamos a análise em três etapas que correspondem aos capítulos do corpo da dissertação.

O primeiro capítulo trata da imigração italiana na Serra Gaúcha, salientando as especificidades desse processo naquele âmbito regional. Aqui, o argumento central postula que as características das políticas migratórias adotadas na época do Império e nos primórdios da República, juntamente com dimensões relativas ao contingente migratório que ocupou a região foram fundamentais, não apenas no sentido da estrutura social que se ali se configurou, como também do ponto de vista do desenvolvimento regional posterior, gerando um quadro propício à preservação e reforço de identidades coletivas fundadas nas tradições originárias.

O capítulo seguinte focaliza a Festa da Uva, a primeira das comemorações que, no sentido apontado por Hobsbawn e Ranger (1983), reinventa a tradição, se consolida ao longo do tempo em si mesma como uma tradição e se desdobra numa série de atividades de cunho econômico voltadas ao turismo na região. A Festa da Uva é examinada em termos de suas transformações ao longo do tempo como a matriz que possibilita a emergência de um conjunto de outras atividades ligadas ao cultivo da uva e produção do vinho. A Festa da Uva é vista, assim, como uma etapa preliminar na

configuração atual do enoturismo, procurando destacar a maneira pela qual as tradições italianas foram aos poucos utilizadas como um pano de fundo para a criação de identidades comunitárias locais e, ao mesmo, tempo consolidando uma percepção externa da região ligada a esses festejos.

Finalmente, o terceiro capítulo trata mais especificamente o caso do Vale dos Vinhedos e as maneiras através das quais as tradições italianas na viticultura são utilizadas como um instrumento da atividade empresarial que passa de uma organização de base familiar para outra condizente com os apelos e pressões da globalização neste campo particular. A reflexão que desenvolvemos neste capítulo envolve dois aspectos: de um lado, mostrar a permanência da identidade nacional italiana como um fator de homogeneização a despeito da diversidade envolvida nos processos de globalização e, de outro, as maneiras pelas quais esses mesmos processos estariam subjacentes à inovação, sobretudo nas técnicas de produção do vinho e da organização das atividades empresariais na região, numa síntese entre aspectos da tradição e da pós-modernidade.

As conclusões resumem os principais pontos de nossa análise ao longo do texto, tratando de salientar que uma das principais contribuições do estudo reside em apontar, de uma maneira sistemática, os vínculos entre as tradições italianas e o enoturismo, como uma espécie de ponto de derivação em última instância, de processos que foram se constituindo ao longo do tempo de maneira muito específica. Nosso estudo privilegia, assim, o longo prazo como uma perspectiva para se entender a mudança social e o papel das tradições (o passado) como um fator positivo no desenvolvimento (o futuro).

O estudo envolveu uma pesquisa em várias frentes. Em primeiro lugar, realizamos um levantamento no principal veículo da mídia regional – o jornal *O Pioneiro*, de Caxias do Sul – de maneira a reunir informações sobre as atividades turísticas e empresariais da Serra Gaúcha numa perspectiva local, cobrindo o período recente a partir de 2004 até o final de 2008. Procuramos focalizar as reportagens que trataram os eventos turísticos como a Festa da Uva e outros ligados à vitivinicultura como o fator que remeteria à italianidade. Curiosamente, esta se constituía no foco de várias das reportagens tratando, por exemplo, da imigração ou de marcos comemorativos deste processo. Foi possível, a partir daí, coletar alguns depoimentos importantes de atores locais, os quais foram utilizados na análise.

Uma segunda frente de pesquisa foi a consulta aos *sites* relacionados aos eventos, ao turismo, às organizações e às administrações da região. Pode-se destacar, neste sentido,

os *sites* da Festa da Uva e o do Vale dos Vinhedos, além daqueles referentes às mais importantes vinícolas e às prefeituras de Bento Gonçalves e de Caxias do Sul (os dois mais importantes municípios da Serra Gaúcha). Aqui, novamente, além de informações e dados estatísticos, foi possível obter excelente material sobre detalhes acerca da organização da Festa da Uva através do tempo, o qual serviu de base para a análise desenvolvida, principalmente, no segundo capítulo da dissertação.

Finalmente, a terceira frente de pesquisa se constituiu em algumas visitas à região, em particular ao Vale dos Vinhedos, nas quais foi possível traçar um panorama do turismo e das atividades ligadas ao vinho na região. Estivemos em várias vinícolas como parte deste circuito, além de termos realizado uma visita guiada ao principal hotel, centro do enoturismo contemporâneo, no qual se propõe a vinoterapia como atividade central.

Nestas visitas agendamos algumas entrevistas que se constituíram numa das bases da análise empreendida no terceiro capítulo. Entrevistamos dois empresários da mesma família, proprietários de uma pequena vinícola, numa tentativa de articular as percepções ao longo de duas gerações sobre as formas de gestão e sobre o papel das tradições italianas nas suas atividades econômicas. A primeira das entrevistas, com o patriarca da família, foi realizada *in loco*, e a segunda, na impossibilidade de retornarmos, foi feita através do mesmo roteiro, o qual foi respondido pelo filho por escrito. Este último, além de gerir as atividades da vinícola, ocupou também cargos de direção junto à organização que administra o Vale dos Vinhedos do ponto de vista empresarial, a Aprovale (Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos).

## **Capítulo 1**

### **A Imigração Italiana na Serra Gaúcha: Das Colônias ao Desenvolvimento Regional**

#### **I – Introdução**

Uma das características mais marcantes da região da Serra Gaúcha é, sem dúvida, a presença da imigração italiana, observável em diversos aspectos da vida local, desde a estruturação das relações sociais, passando pelos costumes e tradições e até mesmo por traços da ocupação do espaço físico. Estes, tomados em seu conjunto, tenderiam a caracterizar a região como um microcosmo do Vêneto, região da Itália de onde proveio a maioria dos imigrantes que a povoaram, a partir do terceiro quartel do século XIX.

Por outro lado, trata-se de uma região que se diferencia bastante de outras regiões do Estado do Rio Grande Sul atualmente, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, tratando-se de uma área bastante dinâmica que articula, ao mesmo tempo, a produção agrícola e industrial. A Serra Gaúcha se caracteriza por integrar três polos dinâmicos, todos eles constituídos majoritariamente por um empresariado de origem italiana. São eles o polo metal-mecânico, o polo moveleiro e, finalmente, o da vitivinicultura.

No presente capítulo abordaremos a imigração italiana como o processo fundamental de conformação da região da Serra Gaúcha, do ponto de vista econômico, social e político. Certas características das políticas migratórias adotadas na época do Império e nos primórdios da República, juntamente com dimensões relativas ao contingente migratório que ocupou a região foram fundamentais, não apenas no sentido da estrutura social que se ali se configurou, como também do ponto de vista do desenvolvimento regional posterior, em contraste com o restante do Estado.

A Serra Gaúcha, situada no Nordeste do Estado, não é apenas diferente do ponto de vista físico, com suas montanhas de elevações médias em torno de 1000 metros, ponto

extremo da cadeia da Serra do Mar ao sul do país. A microrregião se salienta, também, pela presença majoritária do contingente populacional de origem italiana que guardou uma certa homogeneidade em termos de sua proveniência e em termos do processo de colonização que marcou a ocupação da região. Embora seja notável a presença também dos alemães, em municípios como Gramado, Canela e Nova Petrópolis, estes tenderam a se concentrar nos vales ao sopé da Serra, no chamado Vale do Rio dos Sinos, especificamente nos municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo. Em contraste com os Pampas, as terras planas marcadas pelo latifúndio e a agropecuária e que constituem a maior parte do Rio Grande, na Serra Gaúcha predominaram as pequenas e médias propriedades.

A Serra contrasta também com outras regiões do Brasil que receberam expressivos contingentes imigratórios, como São Paulo, para onde se dirigiram alemães, italianos e japoneses, esses dois últimos, fundamentalmente absorvidos na cultura do café no Oeste Paulista, em substituição à mão-de-obra escrava. Não apenas foi distinta a inserção social e econômica destes contingentes, como também, no caso dos italianos em São Paulo, a cultura e os vínculos com as origens tenderam a se diluir no seio da sociedade mais ampla. Os italianos da Serra Gaúcha preservaram certa integridade cultural no âmbito da sociedade que os acolheu, visível até hoje nos aspectos que constituem o cerne da presente dissertação, que são os vínculos entre essas origens, a vitivinicultura e o enoturismo na região, enquanto marcados por aquela tradição.

A cultura italiana contribuiu para a conformação da matriz turística da região da Serra Gaúcha: uma série de atividades turísticas se definem a partir da herança cultural italiana, bem como os atrativos são em geral apresentados para o consumo externo ao redor de diferentes traços do legado da imigração, seja em termos dos eventos ligados à vitivinicultura, da gastronomia, do folclore e do patrimônio. A imagem, enfim, da região tornou-se indissociável da presença italiana, a partir da década de 1930, data em que se realizou a primeira Festa da Uva, cujo objetivo principal era celebrar a colheita, objeto do próximo capítulo.

O presente capítulo procura dar conta de alguns desses processos, focalizando, em uma primeira parte, características da imigração e do processo de colonização responsáveis pelas especificidades regionais anteriormente apontadas. Na segunda parte, focalizaremos o processo de desenvolvimento regional, salientando alguns traços da

estrutura produtiva local, com destaque para o caso das atividades ligadas ao cultivo da uva e à produção do vinho. Embora não constituam as mais importantes do ponto de vista econômico, tais atividades são centrais no sentido da constituição de uma identidade regional sobre a qual se assentam o turismo e a imagem externa da região.

## II - Imigração, Colônias e Identidade Cultural

A grande onda de emigração italiana para a América é um dos episódios mais marcantes do final do século XIX, tanto do ponto de vista de seu significado para a região da península itálica, quanto do ponto de vista dos países receptores como os Estados Unidos, a Argentina, o Uruguai e, certamente, o Brasil.

A criação do moderno Estado italiano, em 1870, foi o coroamento de um longo processo ocorrido durante o século XIX, e a emigração é um de seus sinais. Antes da unificação, a saída de habitantes da península era discreta, semelhante à de outras regiões européias. Efetivada a unificação, quando então o modelo socioeconômico engendrado pela classe vitoriosa do Piemonte, Vêneto e Lombardia se impôs até o Sul, a emigração cresceu muito, e assim foi até vésperas da Guerra de 1914. Assim, a América viu chegar muitos homens jovens e produtivos, grande parte deles acompanhados por famílias inteiras, procedentes da península itálica e de zonas que passavam por processo social semelhante, de 1870 a 1914.

No Rio Grande do Sul, na época da imigração, em 1870, a população do estado andava por volta de 440.000 pessoas. Em 1872, chegaram 1.354 imigrantes. Em 1873, 1.607. Em 1874, 580. Em 1875, 315. Entre 1875 e 1914 entraram no Rio Grande do Sul entre 80.000 a 100.000 italianos. Se até 1875 os alemães formavam o principal contingente migratório, de 1875 a 1905 os italianos somaram mais de 60% do total geral dos imigrantes. Mas de 1905 a 1915 os poloneses assumiram a primazia, num total de 23.825, contra 8.779 alemães e apenas 3.943 italianos (De Boni e Costa, 1984:68).

<b>Procedência dos Imigrantes 1875</b>	
Vênetos	54%
Lombardos	33%
Trentinos	7%
Friulanos	4,5%
Outros	1,5%

Fonte: De Boni e Costa, 1984:79 *apud* Frosi-Mioranza.

Chama a atenção em relação a tais dados, o fato de que, não apenas é expressivo o número dos imigrantes em relação à população total da província do Rio Grande, como também o fato de que a alta porcentagem de proveniência dos mesmos oriundos da região do Vêneto.

A emigração de agricultores, pequenos comerciantes e aventureiros, geralmente numa situação de crise de relacionamento com o regime daquilo que passou a se chamar Itália (após a unificação de pequenos e médios estados feudais, em 1870), coincide com a realização de um velho sonho do governo brasileiro, que remontava, em gérmen, à regência do Príncipe Dom João, qual seja, o de povoar o Império com núcleos de gente classe média ligada à tradição cultural portuguesa. Notam os historiadores que a distribuição destes núcleos obedeceu a critérios econômicos e políticos: a mão-de-obra do imigrante se somaria (e substituiria, mais tarde) à do escravo, e a população crescente consolidaria a ocupação do território.

O que é importante salientar em relação a esse processo migratório é o fato de que se combinou, de maneira virtuosa, uma legislação bastante específica e criteriosa quanto à ocupação territorial, inicialmente no Império e mais tarde aprimorada na fase republicana, com características populacionais do contingente de imigrantes, bastante homogêneo em sua proveniência e extração social. Desta forma, foi possível a instauração de um padrão de desenvolvimento calcado no binômio igualdade de oportunidades e pouca diferenciação social, típico de contextos que experimentaram crescimento econômico bem-sucedido. A legislação que estimulou a imigração especificava, de maneira clara, o tamanho das propriedades, o propósito da concessão das terras e o objetivo de ocupá-las sem a geração de enclaves sociais. O objetivo era ocupar regiões inexploradas nas fronteiras do Império, num padrão distinto daquele instaurado pelo latifúndio escravocrata, de maneira tal que se pudesse favorecer a assimilação dos imigrantes, por um lado, evitando, por outro, a concentração de propriedade e riqueza.

As Colônias nesta região já haviam sido delimitadas desde a fase do Império, mesmo antes da onda de imigração dos anos 1870. O quadro a seguir ilustra a transformação

pela qual passaram estes territórios delimitados, resultando na atual configuração de municípios<sup>1</sup>:

<b>Colônia Primitiva</b>	<b>Municípios Atuais</b>
Colônia Caxias	Caxias do Sul Flores da Cunha Farroupilha São Marcos
Dona Isabel	Bento Gonçalves
Conde d'Eu	Garibaldi Carlos Barbosa
Antônio Prado	Antônio Prado
Alfredo Chaves	Veranópolis Nova Prata Nova Bassano Cotiporã
Guaporé	Guaporé Muím Serafina Correa Casca
Encantado	Encantado Nova Bréscia

Fonte: Frosi e Mioranza (1975:54).

O processo de regulamentação e promulgação da legislação voltada à imigração foi gradual e atravessado por episódios políticos não diretamente ligados à questão, mas que acabaram sendo determinantes de seu resultado. Segundo Oliveira (2001:64), os eventos mais importantes da cronologia da imigração são os seguintes:

1871 – Lei do Ventre Livre. Criação da Associação Auxiliadora de Colonização e Imigração (SP).

1874 – Chegada dos primeiros imigrantes italianos para a lavoura do café em São Paulo.

1883 – Começam a funcionar a Sociedade Central de Imigração e a Hospedaria da Ilha das Flores no Rio de Janeiro.

1886 – Fundada a Sociedade Promotora da Imigração (SP).

---

<sup>1</sup> A data oficial da imigração italiana é 20 de maio de 1875, mas não se sabe ao certo em que data o império tomou a si a empresa de colonizar as localidades de Conde d'Eu e Dona Isabel. Os arquivos do Rio Grande do Sul são omissos a este respeito. Não há dúvida, porém, quanto à presença de colonos italianos já antes de 1875, disseminados pelas outras colônias da Província, conforme De Boni e Costa (1984:65).

1888 – Abolição da escravidão.

1889 – 26 de novembro: Decreto de naturalização de estrangeiros.

A referida socióloga menciona em seu trabalho, o fato de que a política era voltada a atrair o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias e não o aventureiro que vivesse nas cidades. Segundo a autora, as dificuldades para atrair imigrantes a serem assentados em terras devolutas derivavam de fatores como a existência do latifúndio, a vigência da escravidão e a associação entre vida civil e religião, no caso o fato de a Igreja Católica dificultar a vinda de protestantes e de outras religiões (Oliveira, 2001:15). Na linha em que queremos aqui argumentar, salienta a autora que:

No caso brasileiro, durante o século XIX, a entrada de imigrantes aconteceu voltada para dois focos: a pequena propriedade agrícola, principalmente nos estados do Sul, e as fazendas de café do Oeste paulista, onde eram empregados como mão-de-obra [...]. A Lei do Ventre Livre, de 1871, tornava clara a necessidade de substituir aos poucos os negros escravos por trabalhadores brancos e livres. A abolição gradual da escravidão e a entrada de nova mão-de-obra tornando-se questões políticas centrais, com impacto sobre a constituição de uma nação moderna e civilizada nos trópicos. [...] A grande lavoura aumenta as pressões para que governos cuidem da imigração de trabalhadores europeus, cabendo assim ao Estado recrutar os trabalhadores, arcar com os custos da viagem e encaminhar essa mão-de-obra às fazendas de café. Deste modo, a imigração como substituta da mão-de-obra escrava foi necessidade específica dos cafezais (Oliveira, 2001:15-16).

Para se contrapor à tendência secular à concentração da propriedade da terra, ademais, a autora se reporta à criação da Sociedade Central de Imigração, que funcionou entre 1883 e 1891 no Rio de Janeiro e que tinha como objetivo trazer imigrantes para a pequena propriedade, visando a transformar um país de latifúndio monocultor em uma sociedade com cultura múltipla e de pequena propriedade (Oliveira, 2001:16). Este aspecto foi exatamente o que norteou a ocupação das Colônias na região da Serra Gaúcha e, certamente, foi um de seus resultados mais relevantes, com implicações diretas sobre o padrão de desenvolvimento econômico naquela parte do Rio Grande do Sul.

A política relativa à imigração ganha novos contornos, assumindo um caráter mais específico na fase Republicana. Após a Proclamação da República, o governo decreta que sejam considerados brasileiros todos os estrangeiros que aqui residentes a 15 de novembro de 1889 e aqueles que tiverem residência no país por dois anos. A Constituição de 1891 garantia a nacionalização automática de qualquer estrangeiro que vivesse no Brasil que,

num prazo de seis meses, não se declarasse contrário à nacionalização. A Constituição de 1891 passa o domínio das terras devolutas para os estados, e em 1894 os serviços de imigração e colonização também se tornam esfera de ação estadual (Oliveira, 2001:18).

No que competia ao Rio Grande do Sul, o governo procurou separar a colonização da imigração, criando órgãos específicos para dirigir cada uma delas. Segundo De Boni e Costa

Nunca a colonização foi tão bem organizada como neste período, quando a autoridade acompanhou de perto o desenvolvimento de cada localidade, abrindo estradas e, graças à formação positivista dos chefes, administrando de forma mais honesta que no período imperial [...]. Quanto à imigração, manteve-se, de início, dentro de uma faixa aceitável para o Estado – cerca de mil por ano –, que, em sua constituição proclamara-se abertamente pela imigração espontânea e contra a subvencionada. A União encarregava-se do transporte até o Estado, e este assumia os demais encargos, pelo que reclamava uma verba do governo federal. A partir de 1903, voltou a crescer a imigração e, após insistência por parte do Estado, foi firmado, em 1908, um acordo com a União que pagava 1.500 réis por dia e por imigrante em Porto Alegre, além da eventual passagem ferroviária até a colônia e 400 mil réis por família como adiantamento para a construção da casa e a aquisição de instrumentos e sementes (De Boni e Costa, 1984:67).

Observa-se assim, uma série de aspectos relativos à maneira como a política de imigração foi implementada nesta fase que tiveram implicações diretas sobre o processo de ocupação das Colônias no Rio Grande do Sul e, eventualmente, sobre os resultados do mesmo no que se refere, de um lado, ao desenvolvimento regional e, de outro, no que concerne à geração de uma estrutura social mais homogênea, capaz de reter, em última análise, aspectos relativos à cultura e às tradições dos imigrantes. Como bem resumem De Boni e Costa (1984:83):

A colonização italiana, tal como a alemã – e depois a polonesa – apresentava-se ante a sociedade brasileira como algo potencialmente revolucionário. Ao latifúndio opunha-se a pequena propriedade; à monocultura, a policultura; à escravidão, o trabalho familiar. Sua célula de produção era a família – compreendendo esta os pais e os filhos – e não a grande unidade do engenho, da fazenda ou da estância. Tratava-se de uma sociedade de homens livres, na qual era proibida por lei a introdução de escravos – na qual aliás, naquele momento histórico, o agonizante sistema escravocrata não conseguiria mesmo fincar pé. Esta sociedade, e isto não passava despercebido aos visitantes, caracterizava-se por uma grande homogeneidade. Os colonos eram pobres – por isso haviam partido para o Brasil – mas igualmente pobres, não havendo grandes diferenças de fortuna, nem de condições de partida ao iniciar-se a nova existência. Cada família

tinha uma colônia, alguns instrumentos, algumas sementes; no mais, tornava-se necessário lutar para sobreviver, e os fatores que poderiam diferenciar uns dos outros não eram os de maiores ou menores recursos financeiros, mas a força física, a coragem, a inteligência e um pouco de sorte.

Sendo assim, os colonos italianos desempenharam papel determinante na ocupação territorial da Serra Gaúcha, bem como de desenvolvimento regional, instaurando um modelo diferente de sociedade, até então, daquele que prevalecia no sul do Estado do Rio Grande, criado pelos latifundiários pecuaristas.

No que diz respeito ao legado cultural, os resultados desse processo de colonização paulatino, através do qual foram mantidas as identidades originárias com muito mais intensidade do que se verificou em outros contextos de imigração no Brasil, os resultados são inegáveis. Além dos costumes ligados à gastronomia, ao cultivo da uva e produção do vinho e a própria manutenção de um linguajar bastante característico, marcado pelo uso do dialeto vêneto, a influência da imigração se faz sentir em todas as esferas de vida, gerando inclusive uma percepção de não-pertencimento àqueles que, localmente, não são de origem italiana.

Entre as marcas mais visíveis deixadas pelos italianos, devemos incluir também as realizações no campo arquitetônico. Nas antigas áreas coloniais do Rio Grande do Sul, por exemplo (mas também do Paraná e de Santa Catarina), encontra-se ainda hoje uma arquitetura popular que, embora apresente soluções múltiplas – também em relação aos materiais utilizados na construção – e dimensões diferentes, comparadas ao modelo de origem, tem um arquétipo de referência: o padrão arquitetônico do Vêneto do fim do século XIX. Excepcionalmente grande é também o número de igrejas, de várias dimensões, construídas graças às contribuições financeiras e ao trabalho voluntário de toda a comunidade social (Trevisan, 2005).

O legado italiano transformou a região da serra gaúcha num pequeno consulado. O ano foi 1875 com a chegada dos imigrantes italianos em busca de uma nova esperança de vida aliada a muito trabalho em terras produtivas que lhes foram ofertadas. A partir da década de 1950, o perfil econômico da região mudou. As oficinas e pequenas fábricas deram lugar a uma indústria dinâmica e moderna, que passou a atrair um significativo contingente de população dos Campos de Cima da Serra, dos municípios vizinhos e dos estados mais próximos. São os novos imigrantes que chegam com a industrialização, trazendo em sua

bagagem outros usos e costumes, misturando a polenta com o charque e o chimarrão com o vinho.

### **III - Viticultura e Desenvolvimento Regional**

Focalizaremos a seguir, alguns aspectos relativos ao desenvolvimento socioeconômico dos dois mais importantes municípios da Serra Gaúcha, Bento Gonçalves e Caxias do Sul, ambos estreitamente ligados à colonização italiana e, conseqüentemente, à centralidade deste contingente populacional na estruturação das atividades econômicas da região.

Bento Gonçalves, a capital brasileira do vinho e principal núcleo urbano do Vale dos Vinhedos, apresenta indicadores econômicos que destoam bastante de outros municípios brasileiros de mesmo porte no sentido de qualidade de vida e desenvolvimento:

- População: 96.878, na zona urbana 89,4%, na zona rural 10,6%.
- Arrecadação: do ICMS R\$ 103.767.785,53 (décima terceira colocação do Estado).
- Perfil econômico: na indústria (76,78%) e na vitivicultura (18,74%).
- PIB: R\$ 1.220.002.087.
- PIB *per capita*: R\$ 13.471.
- Mortalidade infantil: 7,49 por mil nascimentos.
- Analfabetismo: 3,89%.
- Esperança de vida: 77,4 anos.
- Empresas: 1.148.
- IDH: primeiro no RS, e sexto no país (Índice de Desenvolvimento Humano).
- Idese: 5 (Índice de Desenvolvimento Socioeconômico).

(Fonte: *O Pioneiro*, Encarte Especial sobre Nordeste Gaúcho, vol. 1, junho de 2004).

Ressaltamos que, toda essa região, incluindo o nordeste gaúcho, face aos resultados acima apontados levam a aproximá-la dos países de Primeiro mundo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), exemplo disso é que de da cada um dos 43 bebês que nascem por dia têm uma expectativa de vida de 74 anos. O resultado nesse indicador situa a região ainda bem distante do topo, ocupado pelo Japão, onde a esperança de vida ultrapassa de 81 anos, mas coloca-a à frente da Polônia, Hungria e de outras 134 nações. Outro indicador para aferir as condições de vida da população, a mortalidade infantil, colocaria o nordeste gaúcho na quadragésima nona posição global. A marca de 13 mortes de crianças com até 1

ano de idade para cada mil nascimentos assegura a posição (*O Pioneiro*, Encarte Especial sobre Nordeste Gaúcho, vol. 1, junho de 2004).

Bento Gonçalves é um dos mais importantes roteiros turísticos da Serra Gaúcha além de figurar entre as 10 maiores economias do Rio Grande do Sul. Além de Capital Brasileira da Uva e do Vinho é o maior e mais expressivo polo moveleiro do Estado.

O setor moveleiro de Bento Gonçalves representa 8% da produção nacional de móveis e 40% da produção estadual. A vitivinicultura também tem espaço garantido neste contexto. O setor representa a terceira maior economia do município. Roteiro garantido para o turismo de negócios, Bento Gonçalves sedia hoje as maiores feiras do país e da América Latina no segmento industrial e comercial. A cidade também é sede de festas e feiras alusivas à uva e ao vinho, como a Festa Nacional do Vinho (Fenavinho), a maior e mais antiga festa comunitária do município.

O setor industrial reúne empresas em vários ramos entre os quais se destacam as vinícolas em número de 46, o de móveis com 332 empresas e o de metalúrgicas, que reúne 303 firmas. A indústria representa 77,92% da economia local. Como já salientado no presente capítulo, no conjunto da produção industrial, o setor vinícola representa apenas 12,99%, sendo o moveleiro o mais importante (Fonte: Secretaria Municipal do Desenvolvimento Econômico, Base: Dezembro/2007).

Contudo, o setor vinícola é o mais expressivo, por se tratar de uma marca na identidade local e por se constituir num atrativo turístico. Os costumes e tradições dos imigrantes italianos, chegados ao Brasil em 1875, estão enraizados nas pessoas e, até mesmo, na paisagem do Vale dos Vinhedos. A construção de capelas e capitéis, a devoção aos santos, o dialeto vêneto e, principalmente, o cultivo da videira e a produção do vinho são marcas da imigração italiana.

Caxias do Sul constitui o grande polo industrial e dinâmico da região da Serra Gaúcha e mesmo do Estado como um todo. Mas é através da uva e do vinho, que Caxias se notabilizou, sendo o berço do turismo do Estado quando, em 1931, lançava a maior festa do Sul – a Festa da Uva – cujo histórico abordaremos no próximo capítulo.

### Características Socioeconômicas

População (2006)	Eleitores (2006)	
412.053 habitantes	284.391	eleitores
	147.376	mulheres
	137.015 homens	

PIB (Produto Interno Bruto) (2004)	Renda per capita (2004)
R\$ 8,1 milhões, equivalente a 5,68% do PIB estadual	R\$ 20.485,00, representa 150,4% da média do Estado

Setores da Economia	Composição do Setor Industrial
Indústria: 50,01% (6.665 empresas)	Metal Mecânico
Comércio e Serviços: 38% (21.923)	Material de Transporte
Agropecuária: 4,51% (444)	Mobiliário
	Produtos Alimentícios
	Bebidas

Fonte: <http://www.caxias.rs.gov.br>, acesso em 20/2/2009.

#### IV - Conclusões

Como se pode observar a partir da análise que apresentamos no presente capítulo, a região da Serra Gaúcha guarda certas especificidades que, de fato, remontam à natureza do processo de colonização da área, enquadrado por políticas específicas, voltadas à instauração de um padrão distinto de ocupação das terras do aquele que prevaleceu durante todo o período da administração colonial e grande parte do Império no Brasil. Por outro lado, a este padrão de ocupação territorial se agregou a dimensão do processo imigratório, caracterizado por grande homogeneidade do contingente populacional que foi objeto das políticas de colonização, tanto no sentido da procedência, quanto no sentido da origem social dos imigrantes.

Por essas razões, ao que se pode também mencionar outros fatores relacionados, por exemplo, à relativa igualdade de oportunidades de mobilidade na criação de empreendimentos econômicos a partir do excedente gerado com a agricultura de subsistência, tendo os próprios colonos – na região e fora dela – como mercado de consumo, criaram-se condições propícias ao desenvolvimento econômico.

As pequenas e médias empresas, nos setores mencionados, floresceram, tanto no ambiente da industrialização protegida do período desenvolvimentista entre os anos 1930 e finais dos anos 1980, quanto, mais recentemente, no contexto da abertura dos mercados e da globalização. Se no caso da indústria de sapatos no Vale dos Sinos a competição com os produtos chineses teve efeitos destrutivos para os empreendimentos locais, no caso dos setores mais característicos da produção industrial da Serra Gaúcha, a produção metalúrgica se beneficiou da abertura exportando para países do Mercosul e mesmo asiáticos, a produção de vinhos se adaptou aos padrões globalizados de cunho tecnológico-intensivo, atendendo aos padrões mais homogêneos do consumo da bebida e, finalmente, o polo moveleiro cresceu, fundamentalmente, a partir da expansão do mercado interno.

Cumpra mencionar as especificidades relativas à tradição italiana em todo este processo. Neste sentido, o aspecto importante refere-se, de um lado, ao fato de que as identidades se mantiveram bastante mais fortes do que no caso de outras regiões de imigração, nas quais a tendência foi a sua absorção pela sociedade mais ampla. Se bem é verdade que o vínculo com as tradições tende a se diluir ao longo das gerações, como salientam estudos que focalizam a questão da identidade italiana na organização da atividade empresarial, no caso específico da Serra Gaúcha, particularmente na região de Bento Gonçalves, a chamada “Terza Itália”, composta por empresários netos de imigrantes e descendentes mais longínquos têm a referência à tradição quase como um “recurso de mercado”.

Em trabalho recente, Capellin (2008) se refere a este aspecto, mostrando como por comparação a outras áreas de imigração italiana em Minas Gerais (Ubá e Poços de Caldas), as médias empresas da região de Bento Gonçalves se nutrem muito mais fortemente da tradição para projetar o futuro da empresa na competição de mercado. Nas palavras da autora:

Enquanto a memória evidencia a força do passado, as solicitações do mercado em expansão projetam as empresas para o futuro. Qual seria a alquimia entre esses dois âmbitos quando se busca interpretar o estilo empresarial atual das empresas de porte médio? [...] Os italianos que migraram para as cidades de Poços de Caldas, Ubá e Bento Gonçalves, em diferentes períodos históricos, deixaram referências espaçadas. Entrelaçam-se recordações individuais, familiares e coletivas – marcas que enriquecem o desenvolvimento industrial nestes territórios (Capellin, 2008:1).

E mais adiante:

As imagens e, conseqüentemente, a preservação de mensagens sobre a contribuição italiana para o desenvolvimento industrial, emanam luzes e sombras. A matriz das referências que denominamos de memória italiana é uma combinação de recordações de pessoas e famílias com a difusão de imagens públicas que, embora atuem de maneiras desconexas, compartilham do interesse de perpetuar o legado histórico da contribuição dos italianos nos territórios locais. O apego às tradições e a primorosa organização da cultura dos italianos na sociedade local de Bento Gonçalves contrasta com o silêncio das instituições municipais em Poços de Caldas, que não produzem mensagens específicas sobre a tradição italiana em seu território. [...] Este paralelo ganha sentido quando lembramos [...] que, em Bento Gonçalves, a concorrência vinícola internacional chegou a acirrar o legado italiano, enquanto em Poços de Caldas, a tradição turística só contribuiu à fluidez das referências históricas (Capellin, 2008:3-4).

Este aspecto será explorado em maiores detalhes a partir da utilização de relatos de empresários locais no terceiro capítulo da presente dissertação.

Para finalizar, pode-se dizer que as tradições podem ser vistas como uma “invenção” que confere e renova as identidades coletivas, ao mesmo tempo em que se constituem num fio organizador de uma série de atividades, no caso em questão, aquelas voltadas à comemoração da uva e do vinho e o enoturismo objeto da nossa análise mais adiante.

## **Capítulo 2**

### **Histórico do Vinho na Serra Gaúcha: A Festa da Uva, Tradições Inventadas e as Bases Culturais do Enoturismo**

#### **I - Introdução**

O presente capítulo focaliza a Festa da Uva como uma etapa preliminar na configuração atual do enoturismo, procurando destacar a maneira pela qual as tradições italianas foram aos poucos utilizadas como um pano de fundo para a criação de identidades comunitárias locais e, ao mesmo tempo consolidando uma nova percepção externa dos festejos como uma base para o desenvolvimento do turismo na região. A partir de um histórico da festa ao longo do tempo, procuraremos analisar como as diversas atividades relacionadas à Festa da Uva foram se definindo em torno da identidade italiana, recriada que foi a partir da “diáspora” da emigração, como um fator de solidariedade e estabelecimento de laços comunitários locais para, em seguida, examinar como os conteúdos se transformaram, definindo um novo quadro marcado pelo contexto da globalização. O eixo central da análise que empreenderemos neste capítulo é marcado por uma tentativa de caracterizar as transformações no conteúdo da festa ao longo do tempo, desde o início vinculado ao legado italiano, passando pelo período de sua interrupção, também motivada, entre outros fatores, pelo estigma em torno da mesma identidade no período da Segunda Guerra Mundial, até chegar a uma definição mais precisa dos conteúdos da festa, com uma série de atividades especificamente voltadas ao resgate da tradição italiana.

De início, a Festa da Uva aparece como uma celebração ligada às tradições dos imigrantes italianos, mas com um forte apelo à criação de identidades e solidariedade ao nível local. Sua interrupção de 1938 até 1949 esteve ligada à Guerra e às possíveis consequências da suposta identificação da população de origem italiana com o fascismo, fato que ocasionou perseguições e até mesmo uma retração das atividades econômicas na região. A partir dos anos 1980, porém, pode-se observar uma retomada do conteúdo mais especificamente

ligado a uma ênfase nessas tradições que, no entanto, são redefinidas em termos de uma roupagem mais abrangente. É assim que os conteúdos da festa, ainda que mantendo o fio condutor de um apelo às tradições italianas, paradoxalmente ficam mais descolados do plano local e passam a ser regidos pelos impactos da globalização, a partir das mudanças estruturais que se operam no sistema internacional no decurso dessa década. A partir daí, a motivação inicial da festa se descaracteriza, progressivamente se afastando de seus propósitos originários de uma festa agroindustrial voltada à criação de identidades comunitárias, para servir mais aos propósitos do turismo, com a multiplicação de uma série de atividades paralelas ao evento. Curiosamente, essas atividades paralelas, bem como os próprios conteúdos temáticos da festa, no entanto, continuam fortemente marcados pela ênfase nos costumes, tradição e cultura italianos.

Uma série de estudos de cunho histórico retratam o processo de imigração, a influência dos italianos nos mais diversos ramos de atividade, responsáveis que foram pelo próprio desenvolvimento econômico da área, em função de sua participação no comércio, na industrialização, na política, na vida social de alguns dos municípios que compõem a região e até mesmo na agricultura, nos padrões de estruturação do espaço urbano e, conseqüentemente, na gastronomia, na arquitetura e nas artes.

O diferencial do nosso enfoque, em contraste com outras abordagens que trataram, de um lado a análise de empreendimentos como a Festa da Uva (Ribeiro, 2002) e, de outro, o desenvolvimento da viticultura na região (Valduga, 2007; Polita, 2006), é precisamente traçar o elo entre o enoturismo e as tradições originárias italianas, tais como a importância das relações familiares e das comemorações festivas de cunho gastronômico, salientando a importância das mesmas como um fio condutor desse processo de crescente modernização e mudança de escopo da atividade empresarial da viticultura.

Outra linha de investigação focaliza as atividades turísticas na região, enfatizando dimensões características de desempenho do setor, tendo em vista variáveis como hospitalidade e outros determinantes (Gollo, 2006). Na medida em que tratam do enoturismo, esses estudos têm paralelo com o nosso trabalho, mas também diferem no sentido de que não vinculam, de maneira sistemática, o turismo e a cultura. O extenso e compreensivo estudo de Valduga (2007) sugere, como uma lacuna, precisamente a

dimensão que pretendemos abordar no nosso projeto: aspectos culturais e subjetivos do enoturismo local e a relação entre vinho, italianidade e turismo (Valduga, 2007:16-17).

No sentido do veio acima mencionado como foco do nosso trabalho, salienta-se a estreita relação entre essas tradições e o desenvolvimento da atividade empresarial, como afirmam Falcade e Mandelli:

[...] a evolução da vitivinicultura no RS, no Vale dos Vinhedos, está diretamente ligada à identidade do imigrante italiano. Sendo o vinho um elemento tradicional de sua cultura, os italianos trouxeram mudas de videira para quando para cá vieram. Embora, estas, em geral, não tenham vingado, o imigrante procurou outras variedades, mas também insistiu com algumas, como a Moscato, por exemplo, que era importante variedade no contexto de sua identidade. A evolução tecnológica ao longo das últimas três décadas, aplicada ao processo produtivo vitícola e vinícola, tem resultado em produtos que estão conquistando mercados mais exigentes e alcançando renome (Falcade e Mandelli, 1999:24).

Para tratar das dimensões ligadas à tradição e à cultura, lançaremos mão dos conceitos desenvolvidos por Eric Hobsbawn e Terence Ranger, em seu livro *A Invenção das Tradições* (1983), e ao trabalho de Bourdieu sobre identidade e representação, desenvolvido em seu *O Poder Simbólico* (1989). Segundo o primeiro autor,

Por *tradição inventada* entende-se o conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente: uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. Em outras palavras, também, são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado, através da repetição quase que obrigatória. [...] O termo tradição inventada é usado no sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as tradições inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo (Hobsbawn e Ranger, 1983:9-10).

No caso específico, a Festa da Uva pode ser enquadrada como uma celebração periódica que inventa, no âmbito regional, a tradição de retorno às raízes italianas da população local, difundindo e mantendo a continuidade de valores e costumes centrados no culto à gastronomia, hábitos alimentares, jogos e outras atividades, tendo como símbolo a uva, e

que funcionam como um elemento aglutinador de aspectos ligados à cultura e identidade italianas.

No texto em que trata da identidade e representação (“A Identidade e a Representação: Elementos para uma Reflexão Crítica sobre a Idéia da Região”), Bourdieu (1989) salienta uma dimensão conceitual importante para a abordagem que queremos imprimir ao tratamento do Vale dos Vinhedos como um espaço dentro do qual se desenvolvem, ao longo do tempo, um conjunto de relações sociais ligadas à tradição e à cultura. Trata-se da noção de “espaço regional”, entendido como um conjunto de signos representacionais com os quais a sociedade se identifica e comunica (Bourdieu, 1989:107-132). Assim, a Região da Serra Gaúcha tem a sua identidade ligada a este espaço regional da uva e do vinho, presentes em suas festas, em seus monumentos, na sua gastronomia, entre outros traços, como salientam Falcade e Mandelli (1999).

De especial interesse para os argumentos a serem desenvolvidos na presente dissertação, situa-se o trabalho de Collin Hall que conceitua o enoturismo, além de caracterizar os principais roteiros em outras partes do mundo, os quais podem servir como uma base de comparação para o caso do Vale dos Vinhedos<sup>2</sup>. Para este autor, o enoturismo é conceituado como “visitações a vinhedos, vinícolas, festivais de vinhos e vivenciar, na prática, as características de uma região de uvas e vinhos” (2004:3).

O trabalho de Margarita Barretto (2000) é relevante por se tratar de um dos estudos pioneiros e mais referenciados de sistematização na área do turismo cultural, ao mesmo tempo em que tem a vantagem de incorporar conceitos da tradição sociológica a este campo. Segundo esta autora, entende-se por “turismo cultural” todo o turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. Este inclui a história, o cotidiano, o artesanato ou qualquer outra forma que contemple os diversos conceitos de cultura. Neste trabalho, a autora focaliza o turismo e a herança cultural. Aqui, amplia-se o conceito de turismo histórico para o turismo baseado na herança. A expressão

---

<sup>2</sup> Dentre os roteiros analisados por esse autor, situam-se o Napa Valley na Califórnia, que constitui atualmente o segundo maior destino turístico naquele estado depois da Disneylândia, o que evidencia a importância do enoturismo na atividade turística em geral. Algo semelhante se verifica no caso de Mendoza, na Argentina, bem como na França as regiões da Borgonha e da Alsácia, que se destacam por desdobramentos da atividade de visitação e degusta o de vinhos tais como a vinoterapia (C. Hall, 2004: 284, 285).

inglesa *heritage based tourism*, deve ser traduzida como “turismo com base no legado cultural”, mas que pode ser simplificada para “turismo de tradição”, embora tradição e herança cultural não signifiquem exatamente a mesma coisa. O turismo com base no legado cultural é aquele que tem, como principal atrativo, o patrimônio cultural (Barretto, 2000).

Já o conceito de identidade implica, segundo Barretto, o sentimento de pertença a uma comunidade imaginada, cujos membros não se conhecem, mas partilham de referências comuns, como uma mesma história ou uma mesma tradição. A manutenção da identidade, seja étnica, local ou regional, parece ser um fator positivo, na medida em que as pessoas se sentem seguras, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que, além da segurança, atuam no sentido de informar-lhes quem são e de onde vêm.

O legado cultural constitui, assim, um atrativo turístico que, se bem trabalhado, conquista uma demanda diferenciada. Os núcleos receptores, quando trabalham a tradição como atrativo, ajudam a recuperar a memória e a identidade local. Cabe ao planejador de turismo que o patrimônio, as tradições, enfim, o legado como um todo, possam ser transformados num produto turístico de qualidade e, principalmente, usufruído pela comunidade local.

Quanto à imigração italiana, pode-se mencionar o magnífico trabalho organizado por Trevisan, “Cultura Italiana 130 anos” (2005). Recente livro de Bertonha (2005) trata de definir, entre outros aspectos, o significado de italianidade, focalizando a emigração de italianos para outros países como um elemento característico do desenvolvimento de um sentimento nacional. Este trabalho é, portanto, relevante do ponto de vista de abordar historicamente o processo de criação do estado italiano, enquanto vinculado a aspectos de uma cultura aparentemente contraditória, ao mesmo tempo extremamente rica. Assim, “elemento constitutivo da vida e do cotidiano do povo italiano nos últimos séculos, a emigração foi essencial para definir o que se entende por italiano hoje e para difundir a cultura e o modo de vida dos italianos por quase todo o mundo” (Bertonha, 2005:13).

Numa primeira parte, no presente capítulo, faremos uma breve caracterização da cultura da uva e da vitivinicultura no Brasil. Em seguida, trataremos de analisar as transformações pelas quais passou o evento ao longo do tempo, de um apelo geral à tradição italiana para

uma definição mais firme em torno da mesma. Nas conclusões do capítulo trataremos de salientar o duplo movimento que se observa em termos dos conteúdos, significados da festa e os processos sociais e econômicos: de um lado, constata-se um apelo cada vez mais nítido às origens e tradições italianas como foco temático. Por outro lado, observa-se, também, como a motivação inicial da festa vai se diluindo com a criação de eventos paralelos, não diretamente ligados à uva, mas a outras atividades decorrentes da industrialização e da modernização que se operou na região. Essas, por sua vez, progressivamente ensejam o desenvolvimento de outras atividades turísticas, tais como o enoturismo na região do Vale dos Vinhedos, assunto que será objeto do próximo capítulo.

## **II - O Vinho no Brasil: Uma Breve Caracterização**

A videira teve origem há pelo menos 5500 anos, e países como França e Itália, por exemplo, cultivam e elaboram o vinho há milhares de anos. Por isso, quando falamos em vitivinicultura no Brasil, estamos nos referindo a uma experiência muito recente.

Alguns trabalhos dão conta que a primeira videira foi plantada no Brasil, em 1532, por Brás Cubas, fidalgo português que chegou ao País na comitiva de Martim Afonso de Souza, donatário da Capitania de São Vicente. Ele a plantou no atual bairro do Tatuapé, na cidade de São Paulo a partir de mudas transportadas da Ilha da Madeira (Philips, 2003).

No Rio Grande do Sul, a videira foi introduzida, em 1626, pelo jesuíta, natural de Buenos Aires, Roque Gonzáles que, em São Nicolau, na fase que antecede os Sete Povos das Missões, plantou videiras, sem êxito. A segunda tentativa foi feita na metade do século XVIII, com a emigração açoriana no litoral gaúcho que, igualmente, não vingou, face às condições de umidade do solo (disponível em <http://www.valedosvinhedos.com.br>, acesso em 21/11/2007).

O segundo marco histórico ocorreu a partir de 1875, quando italianos, provenientes principalmente do Vêneto, chegaram à Serra Gaúcha. Era uma vitivinicultura ainda incipiente, mas também a origem de muitas empresas familiares que hoje estão presentes no mercado brasileiro de vinho.

Do ponto de vista agrícola, a policultura caracteriza a região até os anos 1920 e 1930, quando, então, começa a ocorrer uma especialização na direção da vitivinicultura. O

crescimento dos núcleos urbanos da região começa a evidenciar, também, diferenças internas. Enquanto Caxias do Sul avança para a indústria de transformação, Bento Gonçalves e Garibaldi ampliam sua base industrial em produtos agrícolas, especialmente a agroindústria vinícola (Falcade, 1999:32).

Em 1929, o Sindicato do Vinho obteve a aprovação do governo estadual para a criação do Regulamento do Vinho, fato que, entre outras coisas, obrigava o colono a registrar sua cantina de produção, bem como requisitos básicos, tais como caiação, prédio próprio e condições de higiene para sua elaboração (Valduga, 2007:78). A viticultura permaneceu em mãos familiares desde então. As festas regionais foram as atividades diretamente ligadas à vitivinicultura. Os primeiros deslocamentos de pessoas, motivados pela uva e pelo vinho, ocorreram na década de 1930, e podem ser classificados como a fase embrionária do enoturismo brasileiro. A seguir, descrevemos algumas fases do enoturismo no Brasil, segundo as análises apresentadas por Ribeiro (2002):

1. Fase inicial (1930-1970): período de exposições agroindustriais; pequenas feiras locais e realização da primeira Festa da Uva, em Caxias do Sul, em março de 1931;
2. Fase de crescimento (1970-1995): período de exposições agroindustriais e festas regionais (Festa da Uva, em Caxias do Sul, Fenavinho, em Bento Gonçalves, e Fenachamp, em Garibaldi); organização de jantares típicos nas cantinas familiares com visitação; criação da Associação de Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos – Aprovale, com preocupações turísticas; e
3. Fase da consolidação (1995-2007): período de festas regionais; estruturação das vinícolas para atendimento; calendário de eventos; capacitação profissional; desenvolvimento de certificações e identificação de produtos típicos das regiões vinícolas; criação de novas associações de produtores; preocupação ambiental; primeiros estudos e pesquisas na área.

Por volta de 1970, instalaram-se no Brasil as primeiras multinacionais do ramo de bebidas, trazendo conhecimentos, tecnologia, mudas de variedades nobres e, sobretudo, capital. Pode-se afirmar, portanto, que o Brasil tem somente pouco mais de trinta anos de vitivinicultura moderna (Philips, 2003).

Nesta história do vinho no Brasil (entre 1532 e 1970), hoje estamos vivendo uma nova etapa: a do progresso tecnológico – seja no campo, seja na cantina. Na agricultura, usam-se técnicas aprimoradas de manuseio do vinhedo, condução da videira e novos plantios. Na cantina, adotam-se tecnologia de última geração e equipamentos modernos e, acima de tudo, exige-se competência profissional. A geração que atualmente conduz esse processo é formada por jovens enólogos e proprietários de vinícolas, descendentes dos colonos italianos. Porém, ao contrário de seus antepassados, eles estão muito mais preparados para os desafios da elaboração e da comercialização do vinho. Esse é o motivo pelo qual as empresas familiares cresceram tanto a partir da década de 1990.

### Quadro 1

1531/1532	Martim Afonso de Souza introduz as primeiras videiras no Brasil na Capitania de São Vicente. Brás Cubas é o primeiro viticultor (Louvatel, Souza).
1626	Padre Roque Gonzales, nas Missões Jesuíticas, introduziu a videira no Rio Grande do Sul (Louvatel, Souza).
1813	Açoriano Manoel de Macedo Brum inicia a viticultura industrial, oficialmente reconhecida, em Rio Pardo (Xavier).
Até 1820	Portugueses e açorianos (mediações de Porto Alegre, Rio Grande, Ilha dos Marinheiros) – registros de Saint-Hilaire e Dreyes (Gobbato).
1824	Colônia alemã produz bom vinho e se destaca. João Batista Orsi, italiano precursor em Campo Bom (Xavier).
1837/1838	Conselheiro José Marques Lisboa envia mudas de Isabel e outras castas americanas para Rio Grande. E a partir daí estas castas tomam conta, desaparecendo as videiras nobres européias. Começa o grande desenvolvimento quantitativo (Xavier).
1870/1875	As imigrações italianas promovem o grande surto de desenvolvimento da viticultura brasileira e rio-grandense. A importância econômica da cultura viti-etnológica ganha vulto e significação.
1891/1898	Criada a Escola de Agricultura e Viticultura (Taquari) e o primeiro laboratório de enologia, na Chácara das Bananeiras (Gobbato).
1911	Movimentos cooperativistas são oficializados, dando novo impulso à viticultura gaúcha.
1913	Criada a cadeira de Enologia, da Faculdade de Agronomia (Gobbato).
Até 1920	Surgem os laboratórios de Caxias do Sul, Carlos Barbosa, Bento Gonçalves e Farroupilha. Ildefonso Simões Lopes desenvolve medidas estimulantes e a Estação Experimental de Caxias do Sul (Gobbato).
A partir de 1920	Verifica-se nova fase de expansão, aprimoramento e aclimação de videiras nobres que vêm até hoje. Em consequência, produzem-se vinhos cada vez melhores.

Fonte: Corte Real (1981:36).

### **III - A Festa da Uva de Caxias do Sul como Embrião do Enoturismo**

A Festa Nacional da Uva retrata o legado italiano, sua labuta e a cultura do vinho, além de se constituir no principal evento do gênero no país. Como já salientado, a celebração da colheita, motivação inicial da festa, marcou uma fase embrionária do enoturismo brasileiro e se tornou, ao longo do tempo, um evento de porte significativo, envolvendo várias atividades relacionadas à tradição italiana (Erbes, 2000).

Realizada pela primeira vez em 1931 para celebrar o ciclo florescente de sua vitivinicultura, introduzida com êxito no Rio Grande do Sul a partir da imigração italiana (1875), a festa se constitui na maior e mais longeva iniciativa de cunho comunitário do Sul do Brasil. A festa celebra as tradições italianas e a colheita da uva.

Os imigrantes italianos desbravaram uma região selvagem, no alto da Serra Gaúcha, trabalhando em conjunto com outras etnias, especialmente os luso-brasileiros da região dos Campos de Cima da Serra. Dominaram o ambiente hostil até então controlado por onças e silvícolas, e construíram estradas, plantaram e abasteceram seus sonhos com uma epopéia de trabalho. É a conquista desta civilização que se comemora na Festa da Uva. A celebração da colheita e festejar seus resultados, acabavam atraindo consumidores de outros municípios e estados. O êxito de eventos dessa natureza importava em trazer parentes e amigos para degustar a uva e beber o melhor vinho.

Ainda de acordo com Erbes (2000), com o progresso constante, a Festa se mantém dinâmica, mobilizadora, quase mágica em sua representação que atualmente ocorre a cada dois anos. Durante 15 dias a cidade de Caxias do Sul se transforma. Um núcleo urbano industrial e moderno, adota uma característica colonial e provinciana, homenageando seus mais antigos habitantes.

Preparada durante meses por uma comissão comunitária, que agrega voluntários de diferentes segmentos sociais, Caxias do Sul vira uma grande festa, que se espalha pelo Parque de Exposições e dali para as ruas centrais da cidade, onde acontecem os desfiles de carros alegóricos. O curso é, sem dúvida, a síntese da Festa, quando mais de 2.000 atores voluntários encenam o tema principal do evento, sempre baseado na vitória do homem e da mulher sobre o ambiente.

O evento, desde a sua primeira edição em 1931, sempre teve temas específicos com homenagens as tradições locais, aliados a fatos significativos que ocorreram na comunidade, em específico, na cidade de Caxias do Sul. São vinte e sete Festas da Uva no total. A primeira como já foi anteriormente citada, em março de 1931, até a realização da última, em fevereiro e março de 2008 (disponível em <http://www.festadauva.com.br/2008>, acesso em 16/01/2009).

A seguir, apresentaremos um histórico de cada uma das celebrações da Festa da Uva com o intuito de analisar as transformações que se operaram nos conteúdos da festa ao longo do tempo, salientando os elementos especificamente ligados à tradição italiana.

A primeira celebração ocorreu em 1931, idealizada por Joaquim Pedro Lisboa, com o objetivo específico de comemorar a vindima, sendo a uva e vinho os produtos característicos da região de Caxias do Sul. A proposta foi reunir e dar periodicidade a uma sequência de feiras e mostras que haviam sido unificadas em 1881 numa Feira Agro-Industrial. Esta última, por sua vez, tinha suas raízes em eventos que eram realizados de maneira esparsa nas colônias e que passaram, ainda, pela coleta de fundos para a construção da catedral em 1898 e pela celebração da visita do embaixador da Itália à região em 1918. Salienta-se aqui, desta forma, como o evento abandona a faceta de uma mostra agroindustrial e assume o caráter de uma celebração que, em última análise, se reporta aos núcleos originários dos imigrantes italianos e ao processo de imigração

A Festa de 1932 confere mais brilho ao evento, com a realização do primeiro curso alegórico. Interessante salientar que o desfile já focaliza, desde o início, a temática das tradições italianas no plano simbólico, na medida em que as alegorias sobre rodas, puxadas por juntas de boi ou cavalos, buscam representar a produção local, através das colônias dos descendentes de imigrantes. Nesse sentido, cumpre observar aqui, precisamente “a invenção da tradição”, na linha sugerida por Hobsbawn e Ranger (1983).

Em 1933, é introduzida uma nova dimensão ao evento, que viria a se constituir num fator de mobilização do sentimento comunitário nas sucessivas celebrações. Trata-se da criação de um concurso para a escolha de uma rainha da festa. É eleita, naquela ocasião, a primeira rainha da Festa da Uva, Adélia Eberle.

A Festa de 1934 confere uma dimensão mais ampla ao evento, do ponto de vista simbólico, transportando-o do plano local para o plano estadual. Caxias passa a ser

denominada “a Pérola das Colônias”, apelido dado pelo então Presidente da Província do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos.

Por dois anos a seguir, em 1935/1936, a celebração foi interrompida por problemas econômicos no setor da vitivinicultura, para ser retomada em 1937 com o desfile de carros alegóricos, como um dos mais fortes atrativos do evento. Contudo, o prenúncio e a eclosão da Segunda Guerra Mundial coloca um novo hiato na sequência da Festa da Uva. Entre 1938 e 1949 a celebração é interrompida, motivada por grande instabilidade interna, que afetou profundamente a Região Colonial Italiana, intensificada após a entrada do Brasil na Guerra, ao lado dos Aliados. Além da perseguição aos italianos locais, estigmatizados por uma suposta identificação com os fascistas, as próprias atividades econômicas da vitivinicultura se viram afetadas durante o período, atingindo assim, o cerne da própria comemoração. Na sua supressão, assim como na sua própria razão de ser, o substrato da italianidade aparece como o elemento central.

A celebração do evento foi retomada em 1950, curiosamente reforçando esse traço que lhe dera origem: a Festa da Uva tem como foco os 75 anos da imigração italiana. Com pompa e circunstância, foi composto o hino da Festa, além da convocação de dez municípios vizinhos da região para a sua realização. Destaca-se aqui a transposição do evento ao plano nacional, com a presença do presidente Eurico Gaspar Dutra, o primeiro a participar de uma inauguração da Festa.

Em 1954, o evento foi marcado, principalmente, pela inauguração do monumento ao imigrante, com a presença do então Presidente da República, Getúlio Vargas. Além de consolidar efetivamente sua passagem ao âmbito nacional, outro acontecimento importante foi a inauguração de um parque de exposições, local onde viria a se instalar mais tarde a Prefeitura de Caxias do Sul. Em 1958 o presidente Juscelino Kubitschek não participou da Festa, porém mandou um representante, o General Nelson de Mello.

A Festa de 1961 foi marcada pela presença do Presidente Jânio Quadros, mas deve ser destacada pelo fato significativo de que organizou uma exposição sobre a vida no norte da Itália, traçando assim um vínculo direto entre a tradição inventada no imaginário e aquilo que constituía a sua base. Na outra ponta, o evento foi noticiado em jornais especializados em viticultura no exterior (México, Espanha e Itália), com destaque para a reportagem do

“Il Corriere Vinicolo”, de Milão, que continha, inclusive, várias fotografias (Erbes, 2000: 68).

A Festa de 1965 foi um marco por ter sido considerado como o maior evento do gênero na América do Sul, juntamente com a Feira Agro-Industrial. Sem muito a registrar do ponto de vista da nossa análise, pode-se mencionar sobre a de 1969, o fato de que introduz o desfile noturno de carros alegóricos.

Já a Festa de 1972 deve ser salientada como um importante divisor de águas no sentido de divulgar e consolidar a imagem do evento em âmbito nacional, o que teria fortes impactos na sua definição enquanto atividade turística. A Festa da Uva marcou a inauguração da televisão a cores no Brasil, com transmissão ao vivo para todo o país. Além dessa mudança de escala no âmbito da divulgação, ampliaram-se a sua base física e organizacional, com a transferência dos pavilhões de exposições para um local mais amplo e com a criação da “Festa da Uva Turismo e Empreendimentos”. Essa dimensão organizacional se desdobrou em 12 de fevereiro de 1974, na criação da “Festa Nacional da Uva, Turismo e Empreendimentos S.A.”, com 76,9% do capital pertencentes a Embratur, Instituto Brasileiro de Turismo. O Estado, através da CRTur, a Companhia Riograndense de Turismo, detinha 19,22% e a Prefeitura de Caxias do Sul e a própria Comissão da Festa da Uva tinham, cada uma, 1,92%.

A Festa da Uva de 1975 comemorou o centenário da imigração italiana. A Festa daquele ano, de acordo com Erbes (2000), considerando a data histórica do centenário da imigração italiana, constituiu outro marco importante. No primeiro pórtico de entrada da cidade, constava a frase para quem chegava a Caxias do Sul: “*Salve os Imigrantes Italianos no Centenário de suas Realizações*”. Além da dimensão simbólica realçada pelo foco na imigração, o grande diferencial do evento foi a inauguração de um novo pavilhão de exposições, já que os anteriores, que abrigavam as exposições desde 1954, haviam se tornado obsoletos e pequenos. A prefeitura de Caxias do Sul havia adquirido uma área pertencente à Mitra Diocesana em 1972, e um segundo lote da família Picoli, em 1975 e, com apoio estadual e federal para o projeto, além de outros parceiros, construiu o novo pavilhão. A inauguração da Festa da Uva ocorreu em 14 de fevereiro de 1975, com a presença do General Geisel, à época Presidente da República, juntamente com o início da exposição do centenário, inaugurando os novos pavilhões.

O evento teve resultados extremamente positivos do ponto de vista de um empreendimento turístico e econômico, com o aumento da demanda para os produtos comercializados, bem como com a frequência das visitas às vinícolas da região. Assim, no primeiro domingo da festa, cerca de 60 mil pessoas visitaram a exposição e os 6,4 mil leitões oferecidos – 3 mil em hotéis, cerca de 1,8 mil em casas particulares, 1 mil em colégios que improvisaram dormitórios, além de 600 vagas no Camping Municipal em Desvio Rizzo – estavam todos ocupados (Erbes, 2000: 83).

O curso, principal atrativo da festa, teve 45 carros alegóricos. Na mesma comitiva do presidente Geisel, faziam parte dezenas de idosos, vários deles filhos de imigrantes e, talvez, alguns italianos de nascimento. O foco do desfile era o centenário retratando diversas épocas, mostrando as dificuldades que os colonizadores enfrentaram e os desafios que venceram. A indústria, principal fonte de economia desde os anos 1940, construiu veículos imponentes para serem exibidos no curso alegórico da festa. A Festa da Uva de 1975 teve cinco desfiles, sendo que dois noturnos. No balanço geral, 350 mil pessoas visitaram os pavilhões nesta 13ª edição da Festa. A Festa do Centenário mereceu 32 páginas da revista *Veja*, de 19 de fevereiro de 1975, com destaque para a colonização da Serra Gaúcha e para as duas festas que ocorreram simultaneamente: a Festa da Uva, em Caxias do Sul, e a Fenavinho, em Bento Gonçalves<sup>3</sup>.

Em resumo, a Festa da Uva de 1975 introduziu, além de alterações na escala e escopo do evento, uma vinculação estreita entre este, as atividades empresariais ligadas à vitivinicultura e o empreendimento turístico. De um lado, observa-se o aumento da demanda turística e, conseqüentemente, o estímulo às atividades econômicas, com geração de divisas e, de outro lado a sua amplitude geográfica, com a passagem gradativa de uma festa de âmbito regional para o nacional e internacional (países do Cone Sul) e, por último, entrelaçando tudo isso, a imigração italiana.

Houve, assim, uma transformação na natureza do evento: de comunitário para um evento mais amplo, de impacto nacional e de caráter comercial, mas continuando essencialmente

---

<sup>3</sup> A Festa da Uva de 1975 se encerrou no dia 16 de março, recebendo críticas e elogios e com uma dívida que afetou as edições posteriores. A CRTur – Companhia Riograndense de Turismo adquiriu a maior parte das ações da Embratur – Instituto Brasileiro de Turismo – se tornou a majoritária, com 64,74%, em 16 de outubro de 1977. A Festa, a partir de então, foi controlada pelo Rio Grande do Sul.

fundado nas tradições culturais da imigração italiana. Daí a importância da festa do ano de 1975, que já incorporava algumas dessas características desde 1972 (como a ampla divulgação na mídia nacional, que inaugurou as transmissões de TV em cores no Brasil) – mas que se constituiu num marco com a própria comemoração do processo que lhe dava significado: o centenário da imigração italiana. As tradições que deram origem ao evento são agora apropriadas comercialmente, sobretudo em vista de suas implicações no setor turístico (Erbes, 2000).

A Festa de 1978 confere ainda maior concretude a esses vínculos, com a construção de uma réplica retratando a Caxias do Sul de 1885, na área do parque de exposições. O projeto foi feito com base em fotos da época e incluiu vinte casas construídas e uma igreja. Realiza-se assim, uma transposição concreta do imaginário ao passado que deu origem à tradição inventada. As comemorações subsequentes, em 1981 e 1984, rotinizam e conferem mais foco ao evento, definido nessa tríade sintetizando empresa/turismo/tradição. A de 1981 foi inaugurada com a presença do Presidente João Batista Figueiredo, tendo-se efetivado o saneamento das despesas da empresa “Festa da Uva Turismo e Empreendimentos S.A.” A de 1984, no auge da recessão econômica, enfatizou temas objetivando o resgate e divulgação de tradições italianas. Com o título de “Volta às Origens”, o curso ficou fiel ao tema da imigração, com alegorias representando fatos e locais relativos ao processo, como a chamada “Casa de Pedra”, remanescente dos primórdios daquele período e hoje transformada em museu.

A Festa de 1986 se volta sobre si mesma, comemorando os “55 anos de Festa”. Nessa ocasião foi dado um novo formato à Festa. O evento passou a se estender por três finais de semana e duas semanas, totalizando 17 dias. A reestruturação consistia no seguinte: a duração da Festa, que nas décadas de 1950 e 1960 era de quatro semanas, e a partir de 1978 de três, seria reduzida para duas semanas, enquanto o intervalo também cairia. De quatro anos, entre 1950 e 1969, e de três, a partir de 1972, a exposição e os desfiles passariam a se realizar de dois em dois anos. Com isso, a Festa da Uva que seria organizada em 1987, pela lógica anterior, foi antecipada em um ano e ocorreu em 1986. No início, funcionou, mas, na realidade, apesar do apoio do empresariado local e dos políticos, a festa só aconteceu bianualmente a partir de 1994. Antes, houve eventos em 1989 e 1991. Quanto à duração de 17 dias, esta se consolidou (Erbes, 2000).

A Festa de 1989 foi tematizada como “A maior Festa do Século” mas aconteceu no período do auge do processo inflacionário no Brasil. O Presidente José Sarney não compareceu a Festa. Coube ao governador Pedro Simon, à época, ouvir as demandas de produtores locais, agricultores e operários, que se debelavam contra a política econômica do Governo. Outro fato que merece registro foi o fomento, por parte das comissões organizadoras, da memória da Festa.

A Festa de 1991 se pautou por diversificar atrativos, a exemplo de espetáculos musicais gratuitos, como forma de apelo, inclusive, para os moradores de cidades vizinhas, que se revoltavam contra o artificialismo da Festa. Foi a última realizada sob a supervisão do Governo do Estado, que detinha a maior parte das ações. O município passa a ter, desde então, o controle majoritário da Festa.

Tendo como tema “Uma história que vem de longe”, a Festa de 1994 foi inaugurada com a presença do então presidente, Itamar Franco. Foram indicadas comissões comunitárias com integrantes de entidades empresariais e sindicais, da prefeitura e da Universidade de Caxias do Sul. A principal inovação dessa edição foi a participação da comunidade através de três eventos paralelos importantes: Tirando o Pó, que procurava fazer com que os moradores ajudassem a resgatar a história da Serra; a Gincana Cultural, voltada aos jovens; e a Olimpíada Colonial, destinada aos moradores da zona rural. Todos esses eventos paralelos replicam a motivação original da Festa da Uva, voltados que foram à recuperação e à divulgação das tradições italianas, com extensiva participação dos mais diversos segmentos locais.

Observa-se, no caso da Olimpíada, o uso de tradições culinárias e jogos, típicos da cultura italiana, como se ilustra a seguir. Em primeiro lugar, a prova de fazer *biguli*, uma massa artesanal feita com farinha de pão, que provavelmente tem suas origens na escassez do trigo, com o conseqüente aproveitamento das sobras entre a população camponesa da Itália. O jogo consiste na formação de equipes de três pessoas (trincas) as quais devem fazer a maior quantidade possível de *biguli* com máquina manual em cinco minutos. Enquanto um integrante maneja a máquina, outro corta o *biguli* e coloca sobre uma mesa e o terceiro abastece a máquina com a massa.

Uma segunda competição é a prova de amassar uva, a qual é realizada em duplas que devem fazê-lo em uma *mastela* (espécie de peneira), durante 5 minutos. Ganha a dupla

que produzir mais mosto (bagaço de uva), que é pesado no final da prova. Ainda em outras competições, como a prova da *cuccagna*, os competidores devem subir o “pau-de-sebo” em menor tempo e apanhar, no alto, um saco com pão, salame e queijo, que representam a fartura que os imigrantes esperavam encontrar no Brasil.

Finalmente, os chamados “Jogos de Botega” envolvem tradições italianas tais como: o Quatrilho (praticado por quatro jogadores individuais e que tem como finalidade fazer “solo” de certas combinações de cartas e ganhar de contagem em vazas, vencendo o competidor que obtiver a maior número de pontos); o Trisete (praticado por 4 jogadores em 2 parcerias com a finalidade de fazer “nap” ou *napola* de certas combinações e ganhar cartas de contagem em vazas, vencendo a dupla que obtiver 41 pontos ou que obtiver a maior pontuação, acima de 41 pontos); a Briscola (fazer o maior número de pontos, a fim de se vencer quatro "raios" ou jogos) e a Mora (um jogo de agilidades e macetes sem regras estabelecidas) (disponível em <http://www.festadauva/2008>, acesso em 16/1/2009).

Em 1996 a temática é “A América que nós fizemos”, novamente voltada à celebração, dessa feita, dos 120 anos da imigração italiana. Na Festa foram distribuídos 250 mil quilos de uva. No mesmo ano, a Festa da Uva foi tema do samba enredo da escola Unidos de Vila Isabel, no carnaval carioca. O destaque também foi a apresentação, meses antes, do filme *O Quatrilho*, uma adaptação do livro homônimo de José Clemente Pozanato, pelo diretor Fábio Barreto. Indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 1995, foi um dos maiores sucessos dos anos de 1990, e ajudou a própria Festa da Uva, dado que a cerimônia de entrega do Oscar, que acontece no final do mês de março, fez com que todos estivessem atentos e, com grande expectativa, para o resultado da premiação durante a Festa daquele ano. O sucesso de *O Quatrilho* implicou numa maior divulgação da Serra Gaúcha, através dos hábitos, tradições e costumes dos italianos, no início do século passado, aliados a uma cenografia perfeita retratando a região e suas paisagens, foram responsáveis por trazer milhares de pessoas a Caxias do Sul durante a festa.

Na Festa de 1998, que se denominou “A Festa das Festas”, houve uma espécie de retorno ao passado com o reconhecimento da importância do turista gaúcho, que na década de 1930, eram os visitantes da capital, do Vale dos Sinos e da região Sul do Estado, na época, uma das mais desenvolvidas do Rio Grande e que foram responsáveis por conferir dimensão estadual ao evento (Erbes, 2000). No curso alegórico daquele ano, foi dado conteúdo a cada carro. Um exemplo da utilização de conteúdos vinculados à história da

imigração no evento foi o carro denominado “Pelagra e o Sonho de Liberdade”. A pelagra era uma doença causada pela fome, comum na região do Vêneto, no Norte da Itália, após a unificação italiana de 1870. Os italianos fugiram dela e muitos acabaram se estabelecendo na Serra Gaúcha.

As celebrações dos anos subseqüentes, de 2000 até o presente, foram todas marcadas pelo foco específico em dimensões vinculadas à tradição e cultura italianas. Até mesmo em 2000, quando o objetivo foi marcar o novo milênio, a Festa teve como tema “O trabalho e os dias de um povo: venha ver e festejar”, reportando-se à participação dos italianos no processo de desenvolvimento da região. Assim é que, em 2002, o foco é “Mulher Imigrante”, agora uma homenagem às mulheres dos imigrantes italianos que tiveram um papel fundamental, tanto na manutenção das tradições familiares, quanto do ponto de vista da atividade econômica. Em 2004, com o tema “Terra, Pão e Vinho”, a Festa prestou homenagem aos imigrantes de todas as origens, salientando, porém, uma vez mais, a importância da imigração italiana no século XIX. Na Festa de 2006, cujo tema foi “A alegria de Estarmos Juntos”, ressalta-se uma dimensão significativa do ponto de vista da globalização, que é o apelo à união de todos os povos. Finalmente, em 2008, vincula-se o processo de imigração à realidade da cidadania brasileira, a qual constitui, em última análise, a fonte de identificação mais ampla para todo o conjunto da população, tanto local quanto nacional. O tema escolhido, curiosamente se intitulou “Uma vez Imigrante para Sempre Brasileiro”.

#### **IV - Conclusões**

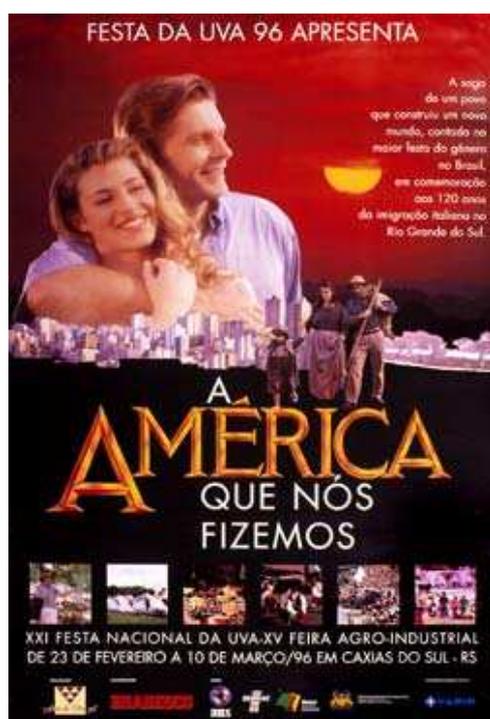
Como a nossa análise procurou demonstrar, a Festa da Uva parte de um apelo às tradições italianas como forma de construção da identidade local em termos de uma “tradição inventada”. No seu período mais recente, embora esta fonte de identidade passe a ser mais claramente definida em torno de elementos da cultura italiana, ao mesmo tempo, observa-se uma certa diluição do conteúdo inicial, no sentido de que a festa passa a se inserir, a partir dos anos 1994 e 1996, crescentemente, no contexto da globalização, com a modernização e industrialização do município de Caxias do Sul. A uva passa a ser um elemento secundário que motiva, na verdade, a organização de uma série de eventos paralelos de natureza agroindustrial, no contexto de um megaevento que sintetiza atividade empresarial, turismo e tradições. Observa-se, assim, duas tendências opostas que

se aglutinam: de um lado uma passagem do mais geral ao mais específico em termos do conteúdo da festa enquanto ligado às tradições italianas mas, de outro, um movimento do local ao global no sentido da construção de identidades.

Conforme análise de Ribeiro (2002:255):

[N]o processo de construção de uma identidade local por meio das Festas da Uva dos anos de 1994 a 1996, emerge um novo aspecto que cabe ser considerado, inclusive, para demonstrar como o evento, ao mesmo tempo em que obedece a um princípio regulador, tem a flexibilidade suficiente para torná-lo capaz de se adequar a novas circunstâncias e a novas necessidades. Essa nova faceta poderia ser chamada de globalização da festa.

A autora salienta, ainda, o fator simbólico representado pelo filme *O Quatrilho*, indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 1995, como um traço marcante do processo acima descrito. De um lado, enquanto indicador do processo de globalização, o filme divulga Caxias do Sul e as tradições dos imigrantes no plano internacional mas, por outro, o faz lançando mão do apelo às tradições originárias, utilizando os elementos de um passado rústico que foge à atualidade do cenário contemporâneo que hoje tem o município, exportador de produtos industrializados para cerca de 136 países. Coincidentemente, essa imagem de *O Quatrilho* foi utilizada no cartaz promocional da Festa da Uva, demonstrando o apelo do passado tradicional de âmbito local no contemporâneo de âmbito globalizado, como se pode observar a seguir.



Conforme salienta a autora:

[...] o mais fascinante na trajetória da Festa da Uva talvez esteja precisamente neste fato: de ela estar sempre recriando suas representações simbólicas para expressar a identidade local em cada nova circunstância de sua história. Começando como uma festa agrária, de uma comunidade agrária, onde a uva e seus derivados eram o centro dos festejos, ela evoluiu para uma festa industrial, em que a feira das indústrias adquiriu papel destacado, para chegar ao novo desafio de ser, talvez, a festa de uma tecnópole em busca de afirmação num espaço globalizado. Mas, como em suas primeiras edições, ela continua com o papel de mostrar, para si e para os outros, *o que somos e o que fazemos*. (Ribeiro, 2002:258)

Como sugerimos pelo subtítulo do presente capítulo, nossa análise procurou demonstrar como a Festa da Uva serviu como embrião para o desenvolvimento do enoturismo na região do Vale dos Vinhedos na Serra Gaúcha, que sempre teve a uva e o vinho, combinados às tradições italianas, como os principais apelos para, a partir dos anos 1990, instaurar uma atividade turística em torno da visita das vinícolas, reunidas num só local, nos mesmos moldes de roteiros de enoturismo internacionais. No próximo capítulo, trataremos de analisar como tais tradições estão igualmente presentes na estruturação das atividades turísticas no Vale dos Vinhedos, focalizadas fundamentalmente na uva e no vinho, porém explorando, de forma bastante evidente, outras tradições ligadas à gastronomia e à cultura italianas.

## Capítulo 3

### **Da Empresa Familiar à Produção Globalizada: Tradições Italianas e o Enoturismo no Vale dos Vinhedos**

#### **I - Introdução**

O objetivo principal do presente capítulo é registrar o processo de constituição do segmento produtivo da vitivinicultura a partir da tradição e costumes familiares da colonização italiana, passando pelo desenvolvimento de atividades turísticas ligadas a essa mesma tradição. Buscamos aqui descrever a passagem de uma economia baseada na pequena empresa de base familiar para uma atividade econômica de natureza mais complexa, baseada em práticas de cunho empresarial dinâmico e que contempla o enoturismo dentro de um quadro de globalização da vinicultura. Assim sendo, a reflexão que desenvolveremos aqui envolve dois aspectos: de um lado, discutir a permanência da identidade nacional italiana como um fator de homogeneização, a despeito da diversidade envolvida nos processos de globalização e, de outro, as maneiras pelas quais esses mesmos processos estariam subjacentes à inovação, sobretudo nas técnicas de produção do vinho e da organização das atividades empresariais na região. Trata-se, em suma, de uma síntese entre aspectos da tradição e da pós-modernidade.

Uma vertente importante da literatura trata a temática da globalização em termos de seus desdobramentos sobre a construção das identidades no plano local. O livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, de Stuart Hall (2004), especificamente, nos capítulos quatro e cinco trata desses aspectos, procurando estabelecer relações entre globalização e identidade. Procuraremos abordar, na nossa análise, questões relativas a como a modernidade globalizante afeta as percepções, os sentimentos de pertencimento à comunidade, bem como os costumes tradicionalmente enraizados. Esses conteúdos são importantes para se entender o papel do enoturismo e seus desdobramentos na Serra Gaúcha, a partir do legado italiano no atual cenário.

Se no momento constitutivo da ocupação da região do Vale dos Vinhedos pela colonização dos imigrantes a identidade italiana foi fundamental no sentido de estruturar as relações sociais e econômicas no plano local, no período recente, a abertura dos mercados e a exposição aos processos de globalização teriam levado a uma redefinição de sentido deste legado. É assim que, a partir da construção de identidades, as tradições italianas passam a ser instrumentalizadas como uma ferramenta na competição das empresas no mercado mundial do vinho, tendo como desdobramento o desenvolvimento de outras atividades produtivas e econômicas que se organizam a partir do turismo.

Stuart Hall (2004) salienta que antes da constituição dos estados nacionais e mesmo em sociedades do presente não incorporadas à chamada civilização ocidental, a questão da identidade era bastante clara. No passado, as pessoas pertenciam a um clã, a uma tribo, casta etc. Na modernidade, a identidade passa a ser mais flexível, sujeita a mudanças e inovações e depende da relação com as demais pessoas ou ao pertencimento a determinados grupos (políticos, religiosos) ou a papéis (ser mãe e professor). Já na pós-modernidade ocorreria uma tendência à fragmentação, com a construção de múltiplas identidades no plano individual e, conseqüentemente, com posturas diferentes ao longo da vida dos sujeitos.

Contudo, certos elementos ligados à nacionalidade ainda funcionariam como fatores importantes de criação de identidades coletivas, sobretudo aquelas que se organizam e se articulam no âmbito regional, como é o caso do espaço geográfico da Serra Gaúcha. Ali se construíram tradições e identidades em torno de um sentimento de nacionalidade originária mais remoto do que a própria noção de pertencimento: a idéia do ser italiano fora da Itália, característica de uma identidade nacional que, pelos fluxos da emigração, ultrapassou fronteiras e se difundiu em todo o mundo, antes mesmo dos processos de globalização contemporâneos. Esse tipo de padrão de relacionamento social pode ser visto como uma construção, no sentido apontado por Hobsbawn e Ranger (1983) de “tradição inventada”.

O conceito de identidade implica, assim, o sentimento de pertença a uma comunidade imaginada, cujos membros não se conhecem, mas partilham de referências comuns como uma mesma história ou uma mesma tradição. A manutenção da identidade, seja étnica, local ou regional, parece ser um fator positivo na medida em que as pessoas se sentem seguras, unidas por laços extemporâneos a seus antepassados, a um local, a uma terra, a

costumes e hábitos que além de fornecerem segurança, atuam no sentido de informar-lhes quem são e de onde vêm.

Por outro lado, segundo Stuart Hall (2004), o deslocamento das identidades culturais nacionais deve-se ao fenômeno da globalização que nada mais é que do um complexo de forças e mudanças. A globalização teria, assim, impactos de sinais contrários. Entre esses, pode-se mencionar o ressurgimento do nacionalismo, releituras de locais e universais, resistências ao ocidental como matriz hegemônica no entendimento do sentido de nação e cultura nacional, bem como não desapareceriam nem seriam irracionais os apegos aos localismos.

Segundo Anthony McGrew (1992), a globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado. Citando Giddens, o autor afirma que a globalização não é um processo recente, mas que “a modernidade é inerentemente globalizante” (Giddens, 1990: 63).

O capitalismo foi, desde o início, um elemento da economia mundial e não dos estados-nação. O capital nunca permitiu que suas aspirações fossem determinadas por fronteiras nacionais (Wallerstein, 1979:19). Assim, tanto a tendência à autonomia nacional quanto a tendência à globalização estão profundamente enraizadas na modernidade.

A partir dos anos 1970 aceleram-se os fluxos e os laços entre as nações. Stuart Hall (2004) enfatiza a importância do seu argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade em que tempo e espaço são as coordenadas básicas de todo o sistema de representação, a exemplo de fotografia, escrita, simbolização através da arte, sistemas de telecomunicações entre outros. O autor discute a tensão entre o “global” e o “local” na transformação das identidades. A interação entre o “global” e o “local” pode ser vista como uma simbiose de processos, antes que a substituição de um pelo outro.

Exemplo desta síntese é o fenômeno das migrações internacionais de países pobres da periferia capitalista para os países mais desenvolvidos. Essa formação de “enclaves” étnicos minoritários no interior dos estados nacionais do Ocidente levou a uma “pluralização” de culturas e de identidades nacionais. Stuart Hall, ainda, depõe quanto ao alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de

identidade, juntamente com o aumento do grau de polarização entre elas. O autor contempla, assim, a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou a produção de novas identidades.

Nesse sentido, também, merece menção o artigo da socióloga Lúcia Lippi de Oliveira (2002), denominado “Um inventário das diferenças”, fazendo referência à música “Um e Outro”, do compositor Paulo Moska, que diz “fenda que nos separa e a ponte que nos aproxima”. A experiência da imigração produziu um grande inventário de diferenças, marcadas pela tentativa, por parte da sociedade dominante, de subordinar as culturas imigrantes, mas ao mesmo tempo estabelecer elos com a cultura nacional. Havia os estereótipos criados pela sociedade dominante para cada grupo que imigrava, e, contemporaneamente, os brasileiros estão vivendo uma situação semelhante como imigrantes fora do país. Como diz a autora:

lidar com as diferenças, respeitando-as, sem querer que elas se dissolvam na cultura dominante é uma demanda da cultura global do fim do século XX. Antes não era assim. No Brasil, aceitava-se melhor aqueles grupos que, por sua raça, religião e hábitos, pudessem ser mais facilmente assimilados pela cultura nacional (Oliveira, 2002).

Conclui citando a cena do filme *Gaijin*, de Tizuka Yamazaki, que retrata a imigração japonesa no Brasil. Um nordestino ensina aos japoneses como colher café através do uso da mímica, mostrando que é possível uma comunicação pré-verbal, onde podemos usar pontes para atravessar as fendas que nos separam.

Na primeira parte deste capítulo abordaremos um dos eixos da nossa proposta analítica que diz respeito à vitivinicultura e sua exploração como atividade turística no Vale dos Vinhedos. Nesse particular, procuraremos avaliar como a globalização teve um impacto decisivo no sentido da modernização das técnicas de produção, na melhoria dos padrões de qualidade incentivada pela homogeneização e difusão do consumo do vinho. Assim, procuraremos demonstrar como a globalização opera na direção da transformação da pequena empresa familiar dos imigrantes em empresas modernas e competitivas, configurando, dentro do espaço regional, um contexto em tudo semelhante aos seus congêneres internacionais – como Napa Valley (Califórnia), Mendoza (Argentina), e Maipo (Chile), entre outros – ainda que guardando os traços da identidade, os hábitos e as

tradições. Focalizaremos nesta parte, aspectos relativos às atividades empresariais, à produção do vinho para chegar ao processo de constituição da Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (Aprovale) e os desdobramentos na área do turismo utilizando, para tanto, estatísticas e dados agregados de fontes secundárias, como depoimentos de lideranças empresariais publicados na imprensa local e nacional.

Em seguida, em uma segunda parte do capítulo, abordaremos os aspectos identitários e valorativos envolvidos neste processo de transformação, que vai do local ao global. Com base em duas entrevistas que realizamos com representantes de gerações diferentes de uma mesma família proprietária de uma vinícola do Vale dos Vinhedos, procuraremos mostrar as percepções acerca da relação entre as tradições e as atividades empresariais. Focalizaremos também, a partir de outras entrevistas de fontes secundárias, as percepções de alguns personagens locais ligados à exploração de atividades produtivas turísticas e gastronômicas, como a identificação com a cultura e tradições italianas é compreendida e instrumentalizada.

Finalmente, concluiremos o capítulo procurando enfatizar como a globalização estabelece elos entre o local e o global, mas não dissipa totalmente os traços de identidades fortemente estabelecidos. As identidades locais são um fator positivo na própria maneira de se homogeneizar hábitos, como é o da difusão do consumo do vinho. Se, por um lado, a globalização torna o consumo mais acessível e cria padrões universais, por outro, usa como referencial e como forma de marcar diferenças, a procedência regional e outros traços ligados à cultura local. Desta forma, no que diz respeito a uma região como o Vale dos Vinhedos, o que se procura observar é como o espaço regional está atravessado por tais processos, caracterizados pela fusão do tradicional com a modernidade da globalização.

## **II. O Vale dos Vinhedos e o Enoturismo na Serra Gaúcha**

A análise que empreenderemos a seguir revela as transformações estruturais pelas quais passou a região, com a criação do Vale dos Vinhedos, e os processos de abertura dos mercados associados à globalização.

Distrito de Bento Gonçalves, o Vale dos Vinhedos, a 120 quilômetros de Porto Alegre, é hoje referência na fabricação de vinhos. Criado em 1990 como um circuito turístico, é o resultado de um conjunto de fatores do legado transmitido pelos italianos, sendo considerado o principal destino do enoturismo do país. Desde a época da imigração, os produtores trouxeram mudas de videira e implementaram um novo costume: a viticultura (produção de uvas), que, ao longo dos anos, se transformou na vitivinicultura (produção de vinhos). Na área total de 81.123 quilômetros quadrados, o espaço ocupado por vinhedos corresponde a 26%. Atualmente, o Vale reúne 32 vinícolas associadas à Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (Aprovale) e 24 associados não produtores de vinho, entre hotéis, pousadas, restaurantes, artesanatos, queijarias e outros (Fonte: Aprovale).



Importante salientar que, na década de 1960, foi fundado, em Bento Gonçalves, o Colégio de Vitivinicultura e Enologia, atual Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet-BG) formando os primeiros técnicos enólogos. Esses passaram a atuar em empresas vinícolas

locais e foram os responsáveis pelos avanços qualitativos dos vinhos e espumantes da região.

A Serra Gaúcha se destacou como *terroir* propício, envolvendo combinação perfeita entre clima, topografia, geologia e luz solar favorável. A região fabricou cerca de 300 milhões de litros de vinho até o final do ano de 2007. Pode-se conhecer e degustar em cada uma das 32 vinícolas, além de ouvir, por enólogo qualificado, explicações de todo o processo que envolve a produção do vinho e o seu consumo.

Estatísticas recentes dão conta da extensão e magnitude das atividades ligadas à produção do vinho na região:

- 20 mil famílias diretamente envolvidas na produção de uva no Estado.
- 100 mil pessoas envolvidas na cadeia produtiva da uva e do vinho no país.
- 1,2 mil vinícolas e engarrafadoras.
- 630 milhões de quilos de uva colhidos na safra 2007/2008.
- 275 milhões de litros de vinho de mesa elaborados.
- 30 milhões de litros de vinhos finos produzidos neste ano.
- 400 milhões de litros de vinho armazenados em abril, antes do processamento da última safra.
- Entre 48% e 52% do preço final de uma garrafa de vinho são referentes a impostos incidentes na cadeia.
- 336,28 milhões de litros de vinho foram comercializados no Brasil no ano passado, 22,65% a mais que no ano anterior (*O Pioneiro*, 3/7/2008).

Boa parte dos vinhos produzidos na Serra Gaúcha está chegando ao mercado com a inscrição “Indicação de Procedência: Vale dos Vinhedos”, um atestado da origem do produto. Esse é o primeiro passo para o Brasil chegar à classificação da União Européia, que categoriza os vinhos de acordo com regiões demarcadas, sempre exigindo que o produtor respeite certas regras em relação às castas utilizadas, ao atendimento máximo do vinhedo e ao teor alcoólico mínimo, entre outras.

A indicação de procedência Vale dos Vinhedos é a primeira identificação geográfica do Brasil, onde as cantinas têm de provar que a colheita da uva, a produção do vinho e o engarrafamento acontecem na localidade. Para ter acesso ao selo de controle, além de submeter os produtos, individualizados, a análises rigorosas, a empresa precisa estar instalada na área, ser associada da Aprovele e elaborar seus vinhos com uvas provenientes do Vale dos Vinhedos, sendo conseqüentemente engarrafados na origem. Os vinhos de cada safra passam por uma análise físico-química e organoléptica e, se aprovados, obtém o selo de I.P.V.V. Os selos são numerados e utilizados como lacres.

O processo de certificação envolve as seguintes etapas:

- Com base em legislação específica, o Vale dos Vinhedos foi reconhecido como Identificação Geográfica, em 2001, pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI).
- Isso significa uma proteção legal e a garantia de que a marca não pode ser usada por mais ninguém, ou seja, tem exclusividade do uso do nome.
- Apenas três produtos ou regiões têm reconhecimento de Identificação Geográfica no Brasil: o Vale dos Vinhedos, a cachaça e o café do cerrado.
- O processo contou com estudo elaborado pela Embrapa e pela Universidade de Caxias do Sul, entre outras instituições, sobre as características da região para a produção de vinhos e espumantes.
- Agora, a União Européia também reconheceu essa origem certificada, o que permite acesso facilitado de vinhos e espumantes do Vale àquela região.

As transformações nas modalidades de turismo na região seguem paralelas a todo esse processo de modernização associado à globalização do vinho. Os primeiros indícios do enoturismo no Vale dos Vinhedos surgiram nas décadas de 1970 e 1980, quando algumas empresas familiares, como a atual Casa Valduga, e a extinta Vinícola Fontanive, que produziam vinhos comuns elaborados com uvas americanas ou híbridas, decidiram plantar mudas de parreiras *vitis viniferas* (cepas selecionadas) de origem européia, e iniciaram a produção de vinhos finos. As visitas guiadas às cantinas eram realizadas, muitas vezes, pelos proprietários ou funcionários com alguma formação técnica no colégio de Vitivinicultura e Enologia de Bento Gonçalves.

A tabela a seguir, com dados de 2001 e 2007, revela a intensificação das atividades turísticas na região ligadas à produção do vinho, como se pode observar pelo expressivo crescimento dessa indústria no mesmo espaço de tempo:

<b>Empreendimentos</b>		
	<b>2001</b>	<b>2007</b>
Visitantes	45 mil	120,9 mil
Vinícolas	12	31
Hotéis e pousadas	3	10
Restaurantes*	1	6

Fonte: Aprovale.

\*Atendimento permanente. Há outros três sob reserva.

De janeiro a março de 2008, a região recebeu 43.579 visitantes. No mesmo período do ano anterior, foram 24.098 pessoas. O aumento registrado, portanto, é de 80% poderá ter superado a expectativa, que era de 150 mil visitantes. Segundo a Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (Aprovale), o aumento estaria associado a fatores como maior divulgação e valorização do vinho brasileiro, procura por cursos rápidos de degustação de vinhos e maior e melhor estrutura de atendimento ao visitante.

Entre outros desdobramentos que merecem menção especial pode-se mencionar a construção de um hotel voltado para o vinho, na frente das instalações da vinícola Miolo. A Casa Valduga completou a construção de sua quarta pousada, que fica dentro do território da empresa, e começa a construir a quinta. A Salton investe na criação de um parque da uva e vinho. Esses são alguns exemplos de como as vinícolas do Vale, para além de visitas e degustações, investem em novos empreendimentos, objetivando aumentar o fluxo da demanda turística e para que os visitantes permaneçam por mais tempo na região.

Segundo Juarez Valduga, da Casa Valduga, já em 2005, 90% dos turistas que se hospedavam em uma das três pousadas que ficam na vinícola não conheciam nada de vinhos. O traço principal desse turista é a curiosidade. Antonio Miolo, da vinícola Miolo, concorda. “O turista de vinho é de classe A e B e tem muita curiosidade” (*Folha de S. Paulo On Line*, Caderno de Turismo em 13/3/2005).

Ao fazer uma visita a essas vinícolas, o visitante é iniciado no universo do vinho, aprende nome de castas de uvas, como o vinho é feito e como deve ser degustado. Assim vai se

educando e aprimorando a sua cultura de vinho, o que aumenta o consumo da bebida de qualidade e gera mais vontade de visitar o local onde ela é feita.

Miolo, também em entrevista do ano de 2005, afirmava ter recebido 120 mil turistas por ano em sua vinícola, número que crescia a cada temporada. À mesma época, Valduga fazia uma projeção em torno de 500 a 600 turistas por semana, com uma média de 24 mil a 30 mil por ano. O crescimento da atividade turística foi tamanho que tornou-se necessário restringir as visitas. A vinícola Valduga, desde aquela ocasião, não recebia mais grupos que chegam de ônibus ou van. “Estamos tentando dirigir o turismo, porque senão atrapalha a produção” (*Folha de S. Paulo On Line, Caderno de Turismo em 13/3/2005*).

Interessante salientar que ao redor do vinho, desenvolveram-se outras atividades econômicas que, não apenas são responsáveis por um maior dinamismo na região, como também passam a compor o quadro do turismo local. Como ressalta uma reportagem do jornal *O Pioneiro*,

Normalmente no papel de acompanhamento de refeições, o vinho tem a capacidade de, muitas vezes, inverter essa lógica. Um bom exemplo dessa teoria é que “complementos” do mundo do vinho vêm fortalecendo o principal roteiro de enoturismo do país. Dificilmente quem visitar o Vale dos Vinhedos sairá de lá carregando apenas garrafas. Uma rede de novos empreendimentos se encarregará de guarnecer as malas com queijos e geléias, artesanatos e até peças de decoração. Já os restaurantes e pousadas permitem o desfrute do roteiro sem que se afaste das vinícolas, motivo maior da viagem ao local (*O Pioneiro, 7/2/2008*).

Segundo a mesma reportagem, nos últimos seis anos, o volume de turistas que visitaram o Vale dos Vinhedos aumentou 168%, incremento esse acompanhado pela oferta de produtos e serviços no roteiro. Desde 2001, o número de cadastros na Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (Aprovale) saltou de 17 para 56 empresas, das quais 25 não produzem vinho. Tratam-se de ateliês de arte e de artesanato, comércio de alimentos, pousadas e restaurantes, que representam 44% dos associados ligados ao vale. O então presidente da Aprovale, Luiz Henrique Zanini, afirma:

O vale “estourou” economicamente e as famílias daqui viram oportunidades de negócios. A produção vinícola atraiu empreendimentos que são complementares à atividade e isso contribui para que o visitante desfrute de toda a cultura que envolve o vinho (*O Pioneiro, 7/2/2008*).

Contudo, mantém-se a preocupação fundamental de preservar a característica central dos empreendimentos locais em torno da vitivinicultura. Ainda segundo Zanini:

A nossa vocação é o vinho e visamos preservar a marca coletiva que é o Vale dos Vinhedos. Não queremos descaracterizar a região. É necessário manter o desenvolvimento econômico, mas com envolvimento social. O enoturismo foi a grande “sacada” do vale. Porém, é necessário o monitoramento dos novos negócios. Todas as atividades ligadas ao enogastroturismo são bem-vindas, mas quaisquer outras fora deste contexto são preocupantes porque desvirtuam a nossa vocação (*O Pioneiro*, 07/02/2008).

Um aspecto importante do processo de globalização estimulado pela abertura dos mercados, diz respeito à dimensão da internacionalização do vinho. Até agora, salientamos os impactos da globalização no que concerne às mudanças estruturais no âmbito regional e do ponto de vista da modernização das empresas e dos processos produtivos. Desta forma, é importante frisar que, ainda numa escala reduzida, as exportações do produto do Vale dos Vinhedos estão alcançando mercados externos da União Européia. Segundo dados da Aprovale citados pelo *O Pioneiro*, os vinhos do Vale dos Vinhedos ainda têm pouca participação no mercado europeu. Em 2006, foram comercializados 500 mil litros do total de 6,8 milhões de litros engarrafados. A quantia representa US\$ 1,2 milhão em negócios, sendo que os principais importadores são França, Itália e República Checa. Com o selo de Indicação Geográfica, o presidente da Aprovale à época, Luís Henrique Zanini, estima que o volume exportado para a Europa aumente quatro vezes em cinco anos (*O Pioneiro*, 3/7/2008).

Conforme Zanini,

este reconhecimento valoriza a região pelo seu clima, solo e técnicas que determinam a qualidade dos vinhos. Os europeus são pioneiros nas denominações e respeitam muito as poucas localidades que conquistaram essas indicações. O mercado deve se abrir naturalmente para o Vale dos Vinhedos (*O Pioneiro*, 3/7/2008).

O diretor da Vinhos Don Laurindo, Ademir Brandelli, projeta, até 2012, ampliar as exportações à Europa em 18%. Hoje, a vinícola negocia para o exterior apenas 2% das 150 mil garrafas produzidas ao caso. Graças ao reconhecimento, o empresário João Valduga, da Casa Valduga, também pretende aumentar as vendas para o exterior, dos 3% atuais para 10% do total de um milhão de litros engarrafados por safra. Este empresário afirma que hoje já exporta para sete países, mas pretende ampliar essa porcentagem a longo prazo, embora mantendo o foco no mercado interno (*O Pioneiro*, 3/7/2008).

Desde 2005, a vinícola Miolo dedica-se à exportação, comercializando seus produtos em 21 países, muitos localizados na Europa. A empresa destina 5% do volume de seis milhões de litros de vinhos produzidos anualmente para o exterior, mas a intenção é dobrar este percentual já este ano, segundo o diretor-presidente Darcy Miolo. A Indicação Geográfica reconhecida pela União Européia, conforme o dirigente, facilitará a entrada dos vinhos em todos os continentes e reforçará a imagem de produto de qualidade também no mercado interno. Segundo Miolo, com esta indicação, as ações de venda da empresa ficarão mais fáceis, pois ela dispõe de produtos de qualidade e, com a possibilidade de especificar o rótulo, poderá conquistar o mundo (*O Pioneiro*, 9/2/2007).

Contudo, a despeito do processo de modernização advindo da globalização do vinho, é interessante notar como algumas empresas de grande porte mantêm, lado a lado a uma produção sofisticada, outra linha de menor qualidade, impulsionada pela demanda de cunho mais popular do mercado interno, os chamados vinhos de mesa ou de garrafão. Com o título de “Modernizar sem abrir mão do ganha-pão”, outra reportagem enfatiza que a Salton, empresa centenária da região, fundada pelo bisavô do atual diretor comercial, Daniel Salton, é hoje famosa pelos seus espumantes e vinhos de alto padrão. Esse reconhecimento, no entanto, teria sido o resultado de uma guinada iniciada há relativamente pouco tempo, tendo em vista a trajetória centenária da vinícola. Nas décadas de 1970 e 1980, a empresa iniciou a produção de vinhos com variedades viníferas *nebiollo* e *bonarda*. Com o advento da “garrafa azul”, vinho fino branco alemão que virou coqueluche em meados da década de 1990, a vinícola começou a investir também nesse mercado. Reconversão de vinhedos, inserção de fornecedores em programas de qualidade, aquisição de novos equipamentos e diferenciação no manejo dos parreirais e nos critérios de seleção de uvas vieram a reboque dessa decisão. Em 1994, a empresa serrana se qualificou para a elaboração dos vinhos chamados de Premium (*Pioneiro*, 9 e 10/6/2008).

É assim que se pode observar uma convivência de processos relativos à modernização induzida pela abertura dos mercados e sua integração em circuitos globalizados com certas características que têm, como origem, a pequena empresa de cunho familiar que remonta ao período da imigração italiana na Serra Gaúcha. Como salienta Roese:

A inovação na produção vinícola na região dos vinhedos não rompe com a tradição da indústria vinícola de base familiar, pelo contrário, ela é instrumento de preservação da gestão familiar das empresas e da manutenção

de famílias unidas em torno da atividade que as caracterizou, desde a chegada da primeira geração à região no século XIX (Roese, 2008:19).

### **III - Personagens, Identidades e Percepções: Tradição e Modernidade em um mesmo Espaço**

No presente segmento deste capítulo procuraremos explorar precisamente estes elos entre a organização econômica de base familiar e o processo de modernização das empresas. Com base em dois depoimentos colhidos de dirigentes – pai e filho – de uma mesma empresa de pequeno porte que enfrentou com bastante sucesso os desafios da globalização do vinho, trataremos de esclarecer de que maneira a tradição e a identificação com as origens italianas nesta indústria opera como um fio condutor dessa transição. Em duas gerações de proprietários desta empresa, tendo o filho ainda ocupado a posição de vice presidente da Aprovale, utilizaremos as percepções dos entrevistados acerca das origens familiares, os fatores que levaram a dedicação à atividade, o processo de constituição da empresa e, finalmente, as decisões tomadas com respeito à modernização e aprimoramento da produção (ver roteiro da entrevista em anexo)<sup>4</sup>.

Como era de esperar, o depoimento do pai remonta de maneira mais específica, às origens italianas da família que, desde a época em que ainda se encontravam na Itália produziam vinho. O avô do entrevistado chegou ao Brasil com 6 anos de idade, nas primeiras levas de imigração italiana para a Serra Gaúcha. O pai do entrevistado, há 75 anos fez cursos com enólogos franceses, em Bento Gonçalves. Um irmão chegou a se mudar para Mendoza para se aprimorar nas técnicas de produção do vinho, mas ali permaneceu e faleceu. Antes disso, o entrevistado menciona relatos familiares sobre parentes que eram conhecidos por participar na produção de vinho na Itália. Parte da família aportou no Rio Grande do Sul e se dirigiu à Colônia em Bento Gonçalves, mas outra parte seguiu viagem e se fixaram exatamente em Mendoza, na Argentina, e também no Chile. Em outras palavras, o envolvimento da família com a vitivinicultura não foi ocasional, constando uma tradição na trajetória familiar nesse particular. Nas palavras do entrevistado:

---

<sup>4</sup> A primeira entrevista, com o pai, Sr. Plinio Pizzato, que ainda atua na supervisão da empresa, foi realizada in loco na Pizzato Vinhas e Vinhos, no dia 22 de agosto de 2008, utilizando gravador. A segunda entrevista foi respondida por escrito pelo filho Flávio Pizzato, atual dirigente da empresa, a partir do mesmo roteiro, em fevereiro de 2009.

Quem veio da Itália foram meus avós, Seu Antonio Pizzato. Ele chegou com seis anos o pai dele era Pietro, eu não o conheci, só conheci o Antonio. Eles se estabeleceram aqui, em Bento, desde os anos de 1879. Meu pai [...] inclusive ele tinha feito um curso [...] quando veio a primeira escola de viticultura há 75 anos atrás. Ele veio preparado para trabalhar no campo de experimentação, depois por motivo de doença. Até comigo mesmo, eu estava bastante doente e não pude ir porque era colono. Então foi só um tio meu [...] ele tinha se preparado. Ele conheceu as uvas, desde essa época ele já plantaram nas vinícolas porque era um agrônomo, enólogo [...] Meu irmão que estudou na Escola (de Enologia de Bento Gonçalves) depois ele foi para Argentina e morreu em Mendoza há 32 anos atrás.

E ainda seguindo o relato:

Meu avô veio da Itália desde quando tinham chegado os imigrantes. Saíram de lá porque eram pessoas humildes e não tinham como viver e saíram, como todos, a maioria. Até o meu avô por parte da minha mãe, ele tinha 15 anos quando saiu de lá. Ele era escravo praticamente. Contava muitas histórias para mim. Ele veio porque estava trabalhando para uma condessa, com 160 funcionários, ele estava capinando com a enxada, ele era o último da fila e não levantou o chapéu por ter vergonha e no dia seguinte toda a família foi despachada, por que ele perante a dona dele não fez reverência. Foi todo mundo pra rua, então eles disseram: agora é morrer de fome ou ir para América. E vieram para América e que os primos deles vieram para América, para Argentina, Chile. O navio parou em Porto Alegre e eles desembarcaram e se instalaram aqui.

Ao ser questionado sobre a importância das tradições italianas na cultura da uva e produção do vinho, o entrevistado foi enfático em afirmar o peso das mesmas, relatando inclusive uma história familiar tratando do envolvimento da família com a atividade:

Com certeza. Porque eles já trabalhavam. O meu bisavô trabalhava em uma vinícola na Itália, morava em áreas montanhosas e naquela época meu pai conheceu bem a tradição. Ele entregava os cestos com uma madeira para entregar o dízimo. O vinho para o padre. Ele contava uma história que o avô dele gostava muito de cantar, era tradição lá na Itália e o padre ficou bravo porque ele cantava e dava uma caixa de vinho para quem entregava. [...] Estava indo o vinho para cantina. Então quer dizer que era sempre trabalhar com vinho.

Contudo, a percepção sobre a importância da tradição no contexto familiar não é dissociada da visão acerca da atividade de produção do vinho numa escala empresarial. É bastante interessante a maneira pela qual o entrevistado combina essas duas dimensões,

estabelecendo um elo entre o processo de constituição da empresa e uma volta às origens numa visita que realizou à Itália levando amostras de sua produção:

Eu entrei na Pizzato [...] eu estou morando aqui há 40 anos. Meu pai comprou as terras. Comprou essa propriedade para mim. Eu plantei e como ele tinha um irmão que estudava na Argentina, era enólogo, tinha feito planos para montar uma vinícola eu sempre via esse pavilhão velho que era de uma firma que tinha parado de fazer vinho. Eu 1980 comprei em um leilão, ela estava desativada. Em 1998, meu filho tinha terminado a faculdade, perguntei se aceitavam reformar a vinícola. Todos apoiaram na hora e aí teve início a Pizzato. Foi rápido o caminho da Pizzato. Foi surpreendente. No primeiro ano, a gente só fez 15.500 garrafas; as outras uvas eu vendi para outras vinícolas, para sobreviver. Hoje em dia, a Pizzato é um nome. No ano 2000 eu fui para Itália e na brincadeira, provando vinho, fui com a minha pastinha, com 4 ou 5 garrafas de vinho eu botei na mesa. Depois, ganhamos o prêmio de melhor merlot brasileiro. Para nós foi uma surpresa, não sabia que o vinho era bom, já tinha cuidado da uva com o maior capricho porque era o primeiro vinho que a gente ia elaborar. Foi uma surpresa porque a gente não esperava. Aí só foi galgando. E hoje, a Pizzato é um nome nacionalmente conhecido.

A entrevista do filho, hoje responsável pela empresa e tendo tido ativa participação em posições representativas a nível local, como o fato de ter sido vice-presidente da Aprovale, reitera muitas das percepções da entrevista anterior, ilustrando, assim, esta linha de continuidade marcada pelas origens e pela tradição italiana na gestão das empresas modernas. Ainda que, possivelmente, o apelo às tradições possa operar como uma ferramenta no sentido de otimizar o desempenho da empresa no mercado, este segue sendo relevante como uma ponte entre tradição e modernidade. Cumpre salientar que, nesta nova geração, o responsável pela empresa já é um indivíduo bastante mais jovem, com formação superior e até mesmo pós-graduação e cuja preocupação mais imediata é a de viabilizar a empresa e assegurar o seu desempenho numa base cotidiana. De acordo com o relato do entrevistado, no que tange à experiência familiar com a produção de vinhos, a tradição familiar na atividade foi fundamental. No caso particular do entrevistado, incluiu-se também a experiência do lado materno da família e seu envolvimento na atividade da produção do vinho. Conforme as respostas aos itens do roteiro:

Era do conhecimento da família o trabalho com as vinhas. Começaram plantando para consumo próprio de uvas e vinho, crescendo devagar até venderem para terceiros em Bento Gonçalves (a zona urbana atualmente). Passaram a fornecer em maiores quantidades até voltarem a ser apenas

viticultores. Dos avós e tios-avós paternos, apenas o meu avô permaneceu na viticultura, estabelecendo-se posteriormente em um povoado que hoje pertenceria a Monte Belo do Sul. Em 1968, meu pai saiu da casa paterna e foi para Santa Lúcia, Vale dos Vinhedos, Bento Gonçalves. Por parte materna, família Dalmolin, um tio-avô era produtor regular de vinhos até seu falecimento. Para tal família, a trajetória é muito parecida, mas com estabelecimento em Garibaldi, povoado de São Gabriel, também pertencente ao Vale dos Vinhedos, Indicação Geográfica. O negócio de vinificação da Pizzato foi estabelecido apenas em 1999, em Santa Lúcia, Vale dos Vinhedos, Bento Gonçalves.

A transição entre uma atividade de base familiar e uma empresa de pequeno porte em moldes modernos é assim descrita pelo entrevistado, salientando dimensões que se relacionam de perto à capacidade de as empresas serem competitivas no contexto da globalização:

A produção artesanal de vinho por parte da família Plínio Pizzato ocorria de maneira não regular, quero dizer, fazia-se vinhos em certos anos, outros não. Desde o estabelecimento em 1999, a elaboração foi seguindo preceitos “modernos”. Na base disto, estão:

1. o conhecimento na elaboração de vinhos, a partir da Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves;
2. o ambiente desafiador e estimulante, no Vale dos Vinhedos;
3. a disponibilidade de capital (próprio e de terceiros) para colocar a Vinícola em funcionamento; e
4. conhecimentos empresariais a partir da experiência e da educação (MBAs, mestrados em produção, *marketing* e gestão).

O entrevistado salienta, a seguir, novamente, a importância da dimensão da tradição como uma espécie de fio condutor entre a atividade produtiva essencial (o vinho) e o turismo (como uma atividade derivada da primeira). Neste relato, reside um dos pontos centrais que queremos enfatizar no nosso trabalho, ou seja, a tradição como uma síntese entre o tradicional e o moderno, que recria e se readapta aos desafios impostos pela realidade de conjunturas diversas:

A tradição é essencial, pois funciona como identidade comum para as várias empresas da região, e quando se fala em turismo há de se ter “identidade” local. As tradições trazem um pouco de história, mesmo que curta, o que é valorizado pelo turista. Por outro lado, existe a evolução do conhecimento, práticas e senso empresarial, que são evoluções desta pequena história e que

fazem com que todo o conjunto seja percebido e valorizado pelo próprio turista. História com evolução. Quanto à Cultura do Vinho: essencial, pois a própria evolução local e a manutenção de vários aspectos históricos ainda vivos estão relacionados com a Cultura do Vinho. Do ponto de vista do visitante, a Cultura do Vinho é “motto” para a busca e visitação de várias regiões turísticas pelo mundo.

No que diz respeito às relações entre a atividade das empresas vinícolas e o turismo, novamente aqui, o empresário em questão reitera aspectos mencionados em outros relatos, que têm a ver com a necessidade de se preservar a identidade do empreendimento em seu próprio mérito. Em resposta à pergunta sobre qual a importância do roteiro turístico de vinícolas, segundo o modelo existente em Mendoza, na Argentina, e no vale do Maipo, no Chile, como fator de dinamização da sua atividade econômica, e sobre qual o impacto da criação do Vale dos Vinhedos enquanto atividade turística, assim se expressou nosso entrevistado:

A importância é relativa, pois estamos (a vinícola Pizzato) geográfica e politicamente um pouco “fora” do eixo central do Vale dos Vinhedos. Há uma dificuldade muito grande de melhorar as vias de acesso para a nossa localidade, Santa Lúcia, decorrente de aspectos políticos, tanto da Aprovale como da Municipalidade. Isto vale também para a democratização da divulgação dos atrativos. O impacto da criação do Vale dos Vinhedos é vital, principalmente para boa parte das vinícolas pequenas que conseguem vender boa parte dos vinhos elaborados na própria empresa, para turistas. Para as que não conseguem vender tanto na Vinícola, a origem é fator importante, Vale dos Vinhedos. Porém, em minha opinião, perdeu-se grande oportunidade de explorar este aspecto dos vinhos por conta do excessivo enfoque da Aprovale em aspectos de regulação da Indicação de Procedência e excessivo foco em atividades turísticas.

Por fim, a relação que se estabelece entre o local e o plano da globalização é vista pelo entrevistado como bastante tensa, salientando esta dinâmica, por vezes complementar, por vezes contraditória, que é característica da fusão entre o tradicional e o pós-moderno, que foi discutida na introdução do presente capítulo. Em resposta à pergunta acerca da posição do entrevistado, enquanto ex-vice-presidente, sobre a importância da Aprovale como instituição de classe que agrega as vinícolas para o funcionamento do Vale dos Vinhedos e sobre a importância da obtenção da denominação de origem controlada do Vale em 2001, assim ele se posicionou:

Não sou mais vice-presidente, mas a importância já foi maior. Atualmente, a representatividade como “marca” existe, mas a movimentação como entidade de classe inexistente. As vinícolas estão sendo muito mais representadas por entidades como a Uvibra (União Brasileira de Vitivinicultura), do que por entidades como a Aprovale. Isto decorre do fato da excessiva atenção ao aspecto local, que não deixa de ser positivo para o não-local, esquecendo-se de “olhar para fora” sob o ponto de vista de esclarecer os *stakeholders* sobre o que é uma Indicação de Procedência, de comunicar melhor os objetivos da entidade e grupo de vinícolas no entorno, de explorar melhor a marca Vale dos Vinhedos no mercado, de proteger a própria marca. Se o foco continuar apenas no local, é mais um selo para atrapalhar a interpretação do consumidor e até, em alguns casos, criar resistência em relação aos produtos locais. Ou seja, se não explicar e comunicar vai continuar gerando má interpretação e não agregará muito. Até porque, no mundo todo, a importância de tais indicações está diminuindo, principalmente se forem mal interpretadas pelo mercado (formadores de opinião, canal e consumidores).

Com o processo de globalização, a diluição das identidades, ao mesmo tempo que sua recriação, parece ser um traço marcante da nova realidade. Esta aparente duplicidade se impõe ao desenvolvimento de atividades econômicas que se nutrem do local para sobreviver no âmbito do global. Assim, ao mesmo tempo em que vão se tornando mais complexas e interconectadas, distintas atividades econômicas, como a produção do vinho e o turismo desta derivado, ganham contornos próprios e se viabilizam, eventualmente, em função mesmo da interdependência que se vai estabelecendo progressivamente entre elas.

Um exemplo de como a atividade turística se desdobrou, tendo como apelo as tradições e identidades locais pode ser visto com a criação de outros roteiros, fora do Vale dos Vinhedos. Um indicador positivo desse processo de instauração de uma atividade turística a partir da cultura local foi a disseminação de outros corredores turísticos com base no modelo do Vale dos Vinhedos. Como exemplo podemos citar os Caminhos da Colônia, a Estrada do Imigrante, Vale Trentino, Caminho de Pedra (23 casas construídas em meados de 1875 e cenário original onde foi filmado *O Quatrilho*, de Fábio Barreto), a Estrada do Sabor, e a famosa Maria Fumaça, com degustação de vinhos e outros produtos locais, aliada à apresentação de músicas típicas italianas. O trajeto é de Bento Gonçalves, capital brasileira do vinho, a Carlos Barbosa.

Com a globalização e o aumento do grau de informação em âmbitos locais, as identidades culturais do passado são valorizadas e favorecidas com o turismo. A valorização do

passado não anularia, desta forma, o uso de tecnologias, que contribuem para o desenvolvimento dos negócios também na colônia.

Acostumado, desde criança, com o cultivo da uva e a fabricação do vinho, o vitivinicultor Celso Zanrosso, 48 anos, morador de Nossa Senhora da Saúde – um bairro já urbanizado de Caxias do Sul –, resiste ao tempo e preserva, em suas terras, a casa construída em 1937 por seu avô, Ernesto Zanrosso, a vinícola com pipas de madeira da mesma época e parte das parreiras com uva Niágara. A tradição preservada pela família Zanrosso hoje é um dos pontos turísticos da cidade. Integrante do roteiro Caminhos da Colônia, as famílias eternizam a história, valorizam a cultura e homenageiam os italianos que iniciaram o trabalho naquele espaço de terra que está deixando de ser interior.

Conforme Zanrosso, não é porque sua família mantém as tradições de seus antepassados que a vinícola não pode ser modernizada. Entre as inovações dos últimos 10 anos estão a troca das variedades plantadas por mudas francesas e italianas, a forma de cultivo, além de tanques de inox no lugar das pipas de madeira: “A tradição tem que ser mantida, mas não podemos fazer tudo como antigamente, temos que seguir a tecnologia, modernizar para acompanhar o mercado” (*O Pioneiro Almanaque*, 15 e 16/9/2007).

Por outro lado, a mesma reportagem focaliza outro personagem da Serra Gaúcha, proprietária de um restaurante de comidas típicas do Vale dos Vinhedos ambientado em imóvel da época da imigração italiana. Segundo Nonna Giulia, figura bastante conhecida localmente, os vínculos com este passado são distantes, porém permanecem fortes. Nonna Giulia, também tem orgulho de suas origens. Preserva o dialeto, ensina a suas filhas e sobrinhos o idioma, os costumes, e espera que tudo que foi preservado desde o início do Século 20 seja mantido pelas gerações atuais. E reafirma: “Me orgulho muito das minhas origens. Nasci no Brasil, mas meu sangue é italiano, sempre será” (*O Pioneiro Almanaque*, 15 e 16/9/2007).

#### **IV- Conclusões**

O polêmico filme *Mondovino*, de Jonathan Nossiter, “fala” da globalização do mercado e as megacorporações americanas, como a Mondavi, que transformaram o vinho para atender ao gosto do mercado americano. Este filme aborda a questão da difusão do vinho e

a tendência à padronização, criticando, por um lado, avaliadores e conhecedores, como Robert Parker e Michel Rolland, no que diz respeito à semelhança da bebida entre si, bem como o desprezo às características locais em favor de vinhos muito parecidos com os que produzem em seu país – Estados Unidos, e, por outro, enfoca a resistência dos pequenos produtores franceses. Entrevista, igualmente, produtores italianos, argentinos, americanos e brasileiros.

Nossa análise, neste capítulo, procurou demonstrar que se, por um lado, as pressões advindas do mercado globalizado forçam as empresas a se modernizarem, introduzindo novas tecnologias e formas de gestão, por outro lado, ao longo das gerações, preserva-se uma tradição de base familiar numa atividade de natureza quase artesanal. Convivem num mesmo espaço, grandes empresas e empresas de pequeno porte que têm de ser competitivas, atendendo aos apelos do consumo globalizado, como ilustrado no filme. Mas ser competitivo nesse contexto significa também apelar para as tradições originárias. Ainda que sejam instrumentalizadas, as tradições prevalecem como uma marca capaz de ser o fio condutor para o desdobramento de outras atividades, como é o caso do enoturismo.

O enoturismo brasileiro é jovem, como a produção de vinhos no país. Igualmente jovem é a cultura e o conhecimento que a bebida envolve. Assim como o vinho nacional começa a crescer em complexidade, da mesma forma que o brasileiro passa a se interessar mais pela “história que há dentro de cada garrafa”, também se intensifica a vontade de conhecer os locais nos quais é produzido, sua ambientação e história.

Conforme salientado no site do Vale dos Vinhedos:

O turismo é um grande meio de divulgação da cultura, do trabalho e da história de um povo. O Vale dos Vinhedos oferece um variado roteiro turístico, que vai desde passeios pelas vinícolas, degustação de vinhos até jantares típicos, com animação de corais, servido em meio ao ambiente pitoresco e aconchegante das cantinas. Tudo isso é oferecido pelas próprias famílias que vêm resgatando e mantendo a hospitalidade e os costumes de seus antepassados, preservando, desta forma, a cultura dos imigrantes italianos. Visitar o Vale dos Vinhedos é penetrar no coração da história italiana e vivenciar, através dos monumentos e do ambiente sugestivo, um passado relativamente jovem (<http://www.valedosvinhedos.com.br>), acesso em 21/2/2009.

## Considerações Finais

Nesta dissertação procuramos analisar a trajetória da presença italiana na Serra Gaúcha, desde os primórdios da imigração que ocorreu a partir do terceiro quartel do século XIX, em termos de seus impactos no cenário contemporâneo, numa dimensão muito específica. Esta se refere ao processo de desenvolvimento regional, marcado por singularidades no que tange à utilização das tradições como um elo entre passado e presente.

Procuramos destacar como, no decorrer desta trajetória, foi possível assegurar, a um tempo, tanto a preservação destas mesmas tradições, quanto a estruturação de relações sociais e econômicas virtuosas. O apelo às tradições foi importante como um elemento que mantinha e reforçava as identidades coletivas a partir da chegada de grandes contingentes de imigrantes italianos para a região. Desde esse momento inicial, pode-se observar como, na passagem para o contexto atual, marcado pela globalização e interdependência crescentes entre os planos local e internacional, a tradição, corporificada no legado italiano, estabelece uma síntese entre o passado, o presente e o futuro.

É dentro de uma perspectiva temporal de longo prazo que se pode compreender como a tradição, ao contrário de apenas se reportar a realidades pregressas é, na verdade, uma fórmula de enfrentamento do novo, fator importante na abertura de janelas de oportunidades para o desenvolvimento regional.

A dissertação focaliza, numa primeira parte, as especificidades do processo imigratório, tanto do ponto de vista das políticas implementadas, quanto do ponto de vista da homogeneidade que tendeu a caracterizar o contingente de imigrantes italianos que se fixou na Serra Gaúcha. Tal fórmula, na medida em que combinou um padrão de ocupação territorial fundado na pequena propriedade com um cenário de relações sociais mais igualitárias, teria favorecido tanto a integridade das tradições, face à sociedade mais ampla, quanto uma dinâmica de empreendedorismo que funcionou, em última instância, como o motor do desenvolvimento regional.

O primeiro capítulo da dissertação procurou caracterizar estes processos, mostrando a passagem de uma economia marcada pela presença de empresas de base familiar para formatos de organização mais complexos, a partir dos padrões da imigração italiana. A Serra Gaúcha, neste particular, diferiria tanto de outras regiões de imigração italiana no

Brasil, quanto, no que se refere aos padrões de desenvolvimento, de outras regiões do estado do Rio Grande do Sul. De fato, como procuramos mostrar, a região da Serra Gaúcha guarda certas especificidades que remontam à natureza do processo de colonização da área, muito regulado por políticas específicas, voltadas à instauração de um padrão de ocupação das terras fundado na pequena propriedade. Por outro lado, a este padrão de ocupação territorial se agregou a dimensão de um processo imigratório, caracterizado pela homogeneidade do contingente populacional, tanto no sentido da procedência, quanto no sentido da origem social dos imigrantes.

Numa segunda parte, nossa análise se desloca para o âmbito das tradições e as maneiras pelas quais, ao serem reinventadas, elas são capazes de se constituírem no fio condutor subjacente à geração de atividades econômicas dinâmicas. Este é o caso da Festa da Uva, objeto do segundo capítulo, no qual procuramos mostrar como a tradição da Festa, em suas sucessivas edições, estabelece uma ponte entre a identidade regional e o seu reconhecimento externo. Este nexos, por outro lado, seria responsável pela geração de um conjunto de outras atividades, sempre tendo como fundamento a cultura da uva e a produção do vinho enquanto o fator identitário por excelência. A Festa da Uva foi predecessora do enoturismo que, por sua vez, floresceu na região adjacente à de Caxias do Sul, no município de Bento Gonçalves.

A criação do Vale dos Vinhedos, enquanto um distrito produtor de vinhos, preside um processo de modernização sem par nas técnicas de produção do vinho, nas práticas de governança empresarial e no desenvolvimento do enoturismo, etapa mais recente do processo de exposição da atividade vinícola aos circuitos globalizados. Este é o objeto do terceiro capítulo da dissertação, no qual se enfoca, novamente, o papel da tradição. Ao contrário do que poderia se imaginar, as novas práticas não conflitam com as bases iniciais de formatação e implantação das empresas, que foi o seu caráter familiar. A abertura dos mercados força, tanto as pequenas e médias empresas de cunho familiar, como as grandes empresas internacionalizadas do Vale, a exemplo da Miolo, numa mesma direção, marcada pelos padrões globalizados de consumo do vinho. Mas a tradição italiana persiste como um fator identificável e positivo dentro desse processo mais amplo.

Vários estudos focalizaram os temas que são o objeto da nossa dissertação e que compõem o seu conjunto: a imigração italiana, a celebração da uva, o enoturismo e, até mesmo a questão do desenvolvimento regional. Cremos que a contribuição do presente estudo, além

de ter propiciado a sistematização de dados de pesquisas anteriores, agregando novas informações, tem o mérito de estabelecer umnexo entre aqueles temas, a partir da ênfase na tradição como o elemento aglutinador de tudo. Além disso, o estudo salienta a importância da dimensão temporal na avaliação de processos de mudança social que, em muitos casos, tendem a ser interpretados numa perspectiva muito conjuntural. Nosso trabalho foi além, procurando traçar os elementos que unem passado remoto ao presente, extraindo daí significados importantes para se entender como a tradição, paradoxalmente, se renova a partir de sua própria reinvenção.

## Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. *Manual da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- BARRETO, M. *Turismo e legado cultural*. Campinas: Ed. Papyrus, 2000.
- BENI, M. C. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Ed. Senac, 2000.
- BERTONHA, J. F. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BOURDIEU, P. *Poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- CAPELLIN, Paola. Entre a Memória e o Mercado: O Desenvolvimento da Empresa de Porte Médio no Brasil. Trabalho apresentado no “VI Workshop Empresa, Empresário e Sociedade”, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 7 a 9 de abril de 2008.
- DE BONI, L. A. e COSTA, R. *Os Italianos do Rio Grande do Sul*. 3ª ed. Caxias do Sul: Educs, 1984.
- ERBES, L. C. *A alma de um Povo 7 Décadas de Festa da Uva*. Caxias do Sul: Ed. Maneco, 2000.
- FROSI, Vitalina e MIORANZA, Ciro. *Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1975.
- GIDDENS, Anthony. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1990.
- GIROM, L. e BERGAMASCHI, H. *Casas de negócios*. Caxias do Sul: Educs, 2000.
- GOLLO, S. Inovação e Estratégia de Cooperação Competitiva: Estudo de Caso da Indicação de Procedência Vale dos Vinhedos-Serra Gaúcha/RS. Tese de Doutorado, UFRGS, 2006.
- HALL, Collin M. *et al. Wine tourism around the world: development, management and markets*. Oxford: Elsevier, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.
- HOBSBAWN, E e RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- KLADSTRUP, P e KLADSTRUP, D. *Vinho e guerra*. São Paulo: Zahar, 2002.

- MACHADO, M. A. *Construindo uma cidade. História de Caxias do Sul 1875/1950*. Caxias do Sul: Ed. Maneco, 2001.
- MANDELI, F. e FALCADE, I. Vale dos Vinhedos Caracterização Geográfica. Caxias do Sul, *Cadernos da EDUCS e EMBRAPA*, 2000.
- MCGREW, Anthony. A global society? In: HALL, S., HELD, D. e MCGREW, A. (orgs.). *Modernity and its futures: understanding modern societies*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- MENESES, José Newton Coelho. *História e turismo cultural*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2004.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. Um inventário das diferenças. Leituras Compartilhadas fascículo 4, agosto de 2002. p. 32-33. [www.leiabrasil.org.br](http://www.leiabrasil.org.br)
- PELLEGRINI, A. *Ecologia, cultura e turismo*. Campinas: Ed. Papirus, 1993.
- PHILIPS, R. *Uma breve história do Vinho*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- POLITA, F. *Processo de Desenvolvimento do Vale dos Vinhedos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Ijuí, 2006.
- POZENATO, J. C. Processos Culturais na Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul, *Cadernos da EDUCS*, 1988.
- REJOSWSKI, M. (1994). Pesquisa em Turismo nas Universidades Brasileiras. (Anexo) Títulos de Dissertações e Teses em Turismo no Brasil. 1975/1992. *Turismo em Análise*, vol. 5, n. 1, 1994.
- RIBEIRO, Cleodes M. Piazza. *Festa e identidade: como se fez a Festa da Uva*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- ROESE, Mauro. (2008), “O Mondovino de Cabeça para Baixo: As Transformações no Mercado Internacional do Vinho e o Novo Empresariado Vinícola”, *Trabalho apresentado no “VI Workshop Empresa, Empresário e Sociedade”*, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 7 a 9 de abril.
- SANTOS, Sérgio de P. *Vinho e história*. São Paulo: DBA, 1998.

TREVISAN, Armindo. *Cultura italiana 130 anos (1875-2005)*. Porto Alegre, Souza Cruz/Governo do Rio Grande do Sul, Secretaria da Cultura, Câmara do Livro, Consolato Generale d'Italia de Porto Alegre, 2005.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

VALDUGA, V. *O processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Caxias do Sul, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The capitalist world-economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

### **Sites visitados**

<http://www.caxias.rs.gov.br>, acesso em 20/2/2009.

<http://www.festadauva.com.br/2008>, acesso em 16/1/2009.

<http://www.festadauva/2008>, acesso em 16/1/2009.

<http://www.valedosvinhedos.com.br>, acesso em 21/11/2007.

<http://www.valedosvinhedos.com.br>, acesso em 21/2/2009.

### **Jornais**

*Folha de S. Paulo On Line*, Caderno de Turismo em 13/3/2005.

*O Pioneiro*, 7/2/2008

*O Pioneiro*, 3/7/2008.

*O Pioneiro*, 9/2/2007

*Pioneiro*, 9 e 10/6/2008

*O Pioneiro Almanaque*, 15 e 16/9/2007

## ANEXO 1

### Roteiro da Entrevista

- 1) Nome.
- 2) Cargos que ocupa na empresa e na Aprovale.
- 3) Data e local de nascimento.
- 4) Formação escolar.
- 5) Ascendência italiana e região da Itália dos ascendentes.
- 6) A trajetória dos antepassados que vieram como imigrantes: onde e como se estabeleceram.
- 7) O início do processo de envolvimento com a vinicultura e a constituição da empresa: como acabaram se envolvendo com a vinicultura.
- 8) Como a empresa passou de uma atividade artesanal para uma empresa moderna? Quais foram os principais fatores de modernização? (como, por exemplo, incorporação de novas tecnologias de produção e comercialização).
- 9) Qual a importância das tradições italianas como atrativo turístico? A cultura do vinho é importante do ponto de vista turístico?
- 10) Qual a importância do roteiro turístico de vinícolas, segundo o modelo existente em Mendoza, na Argentina, e no vale do Maipo, no Chile, como fator de dinamização da sua atividade econômica? Qual o impacto da criação do Vale dos Vinhedos enquanto atividade turística?
- 11) Na sua posição enquanto vice-presidente, qual diria ser a importância da Aprovale como instituição de classe que agrega as vinícolas para o funcionamento do Vale dos Vinhedos? Qual o seu impacto nos padrões de interação do empresariado local? Qual a importância da obtenção da denominação de origem controlada do Vale em 2001?



# Caxias - Jornal

FESTA REGIONAL DA UVA

SEXTA-FEIRA DE 1934

Publicado pelo *Procurador Municipal*

Assimilado em 1934, pelo *Estado de Minas*

PLANO ANUAL

1934

## A IV Festa Regional da Uva de 1934

Com o seu sempre característico em trabalhos

Por intermédio do *Gal. Floriano de Castro*, foram convidados o *Coelho de Oliveira* Provedor e o *Embalsador* *Índico* para assistir a esta Festa da Uva.

A Comissão de Festa da Uva, de  
Caxias, a convite do *Gal. Floriano de Castro*,  
Provedor, e do *Embalsador Índico*,  
para assistir a esta Festa da Uva.



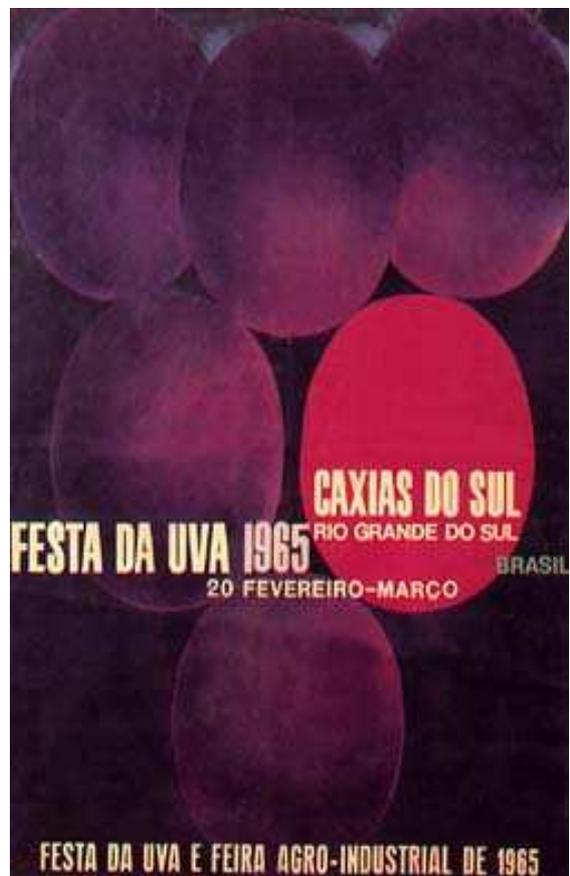
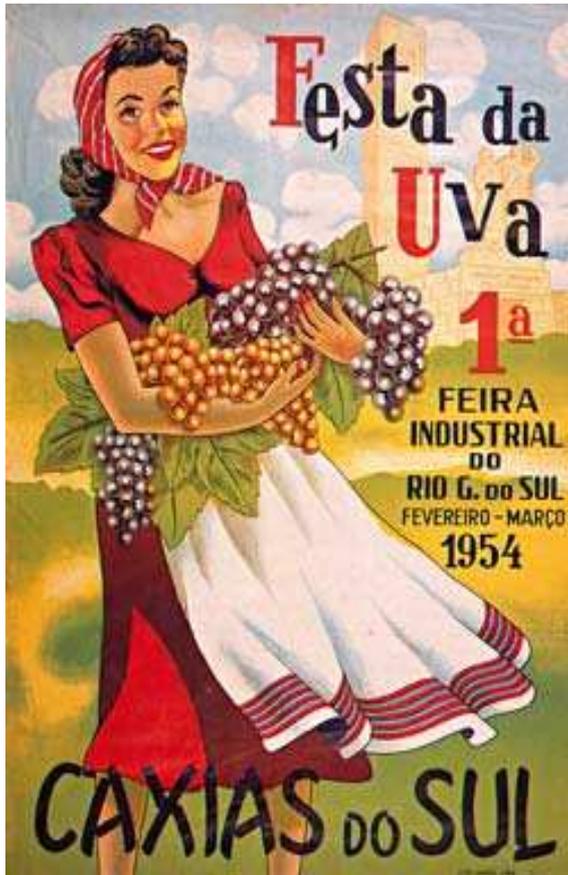
Com o seu sempre característico em trabalhos  
Por intermédio do *Gal. Floriano de Castro*, foram convidados o *Coelho de Oliveira* Provedor e o *Embalsador* *Índico* para assistir a esta Festa da Uva.

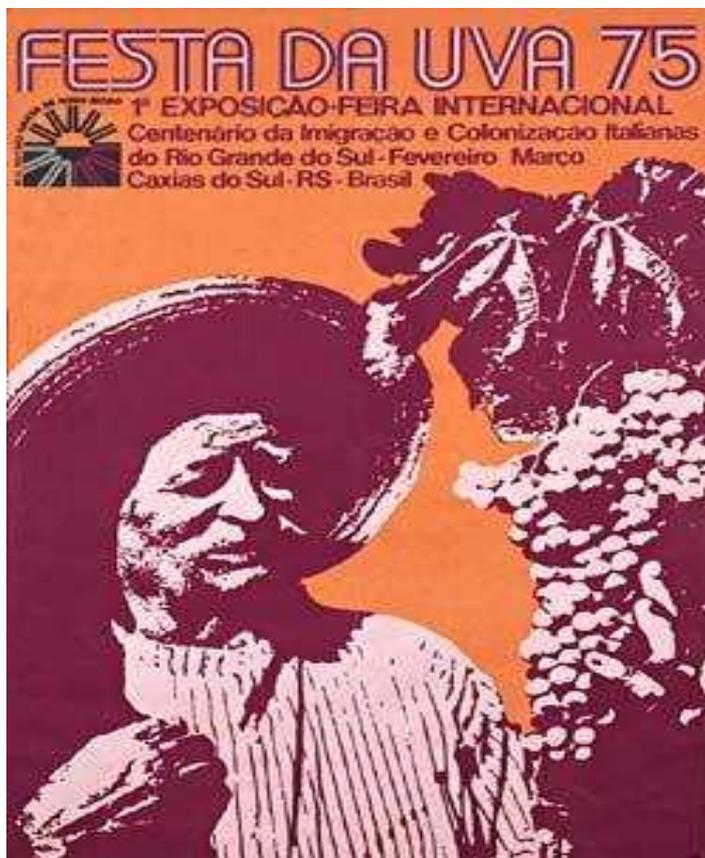
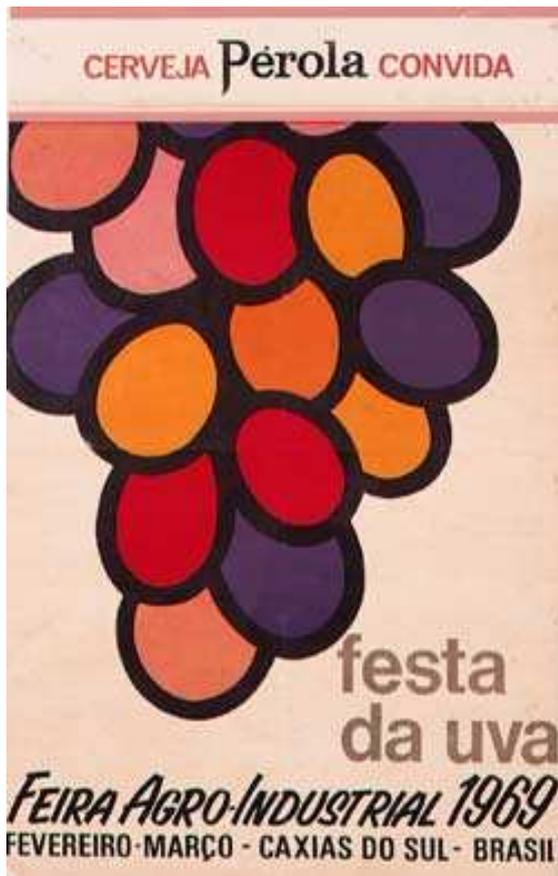
Com o seu sempre característico em trabalhos  
Por intermédio do *Gal. Floriano de Castro*, foram convidados o *Coelho de Oliveira* Provedor e o *Embalsador* *Índico* para assistir a esta Festa da Uva.

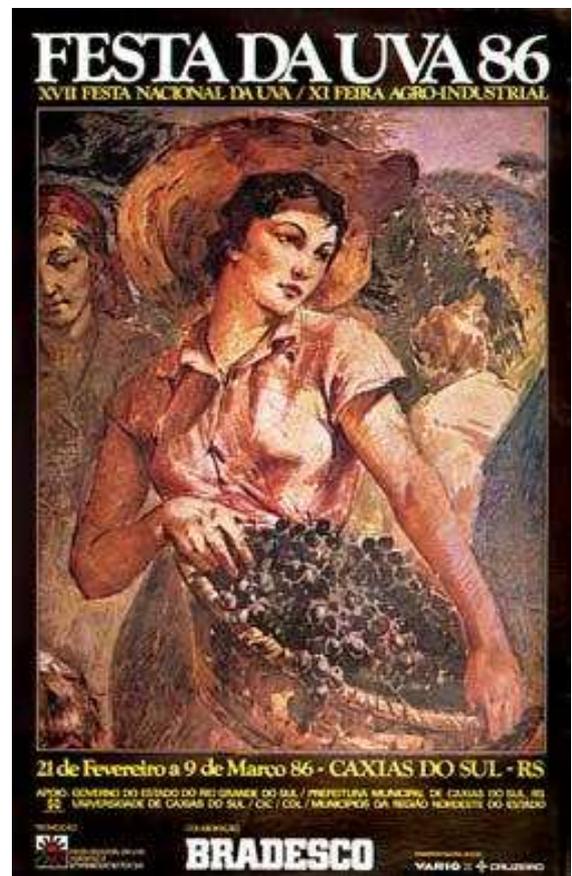
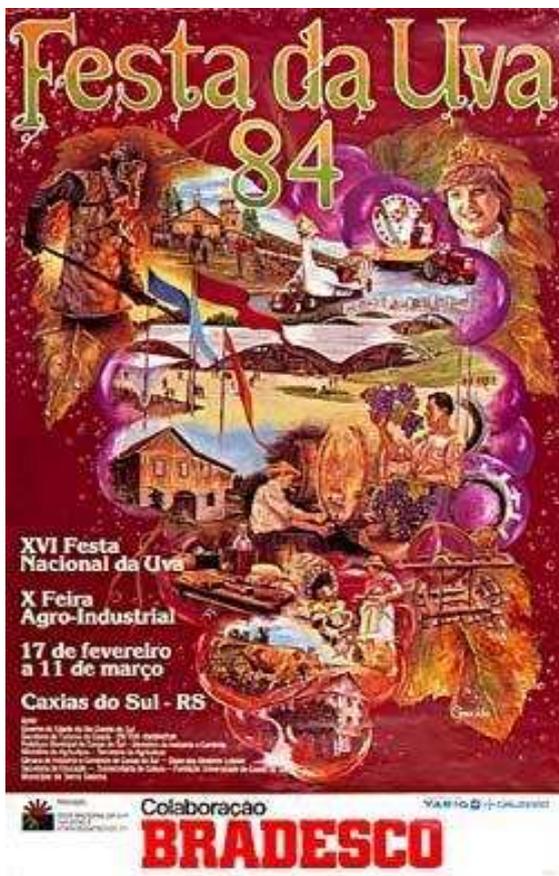
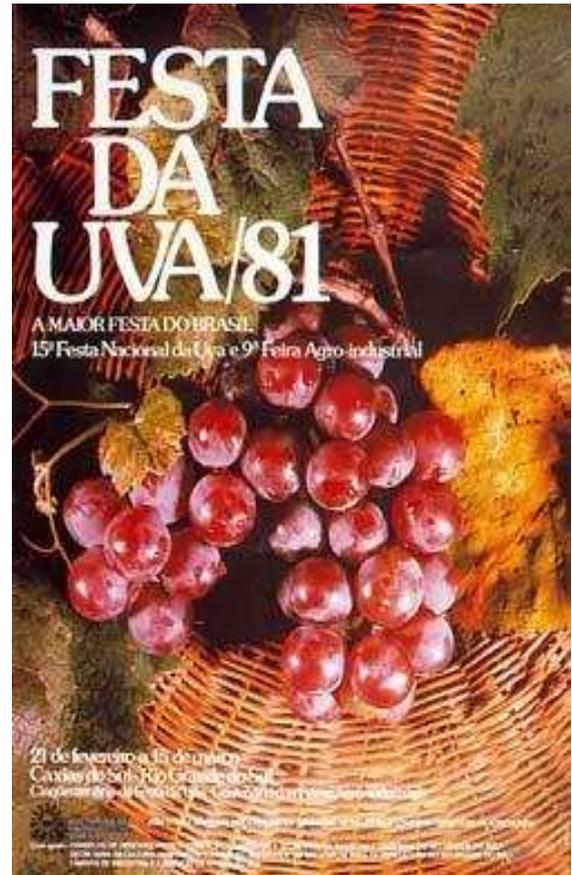
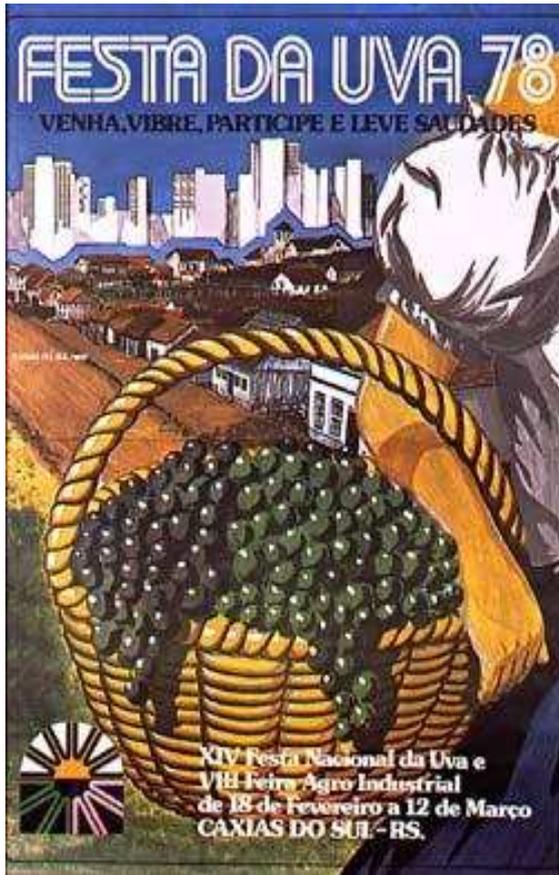
Com o seu sempre característico em trabalhos  
Por intermédio do *Gal. Floriano de Castro*, foram convidados o *Coelho de Oliveira* Provedor e o *Embalsador* *Índico* para assistir a esta Festa da Uva.

Com o seu sempre característico em trabalhos  
Por intermédio do *Gal. Floriano de Castro*, foram convidados o *Coelho de Oliveira* Provedor e o *Embalsador* *Índico* para assistir a esta Festa da Uva.

Com o seu sempre característico em trabalhos  
Por intermédio do *Gal. Floriano de Castro*, foram convidados o *Coelho de Oliveira* Provedor e o *Embalsador* *Índico* para assistir a esta Festa da Uva.







# FESTA DA UVA 89

XVIII FESTA NACIONAL DA UVA  
XII FEIRA AGRO-INDUSTRIAL

17 DE FEV. a 5 DE MARÇO/89 - CAXIAS DO SUL - RS.

GOVERNO  
ITAPEMIRIM  
TURISMO

GOVERNO  
PEDRO SIMON

# FESTA DA UVA 91

XIX FESTA NACIONAL DA UVA/XIII FEIRA AGRO-INDUSTRIAL  
DE 15 DE FEVEREIRO A 3 DE MARÇO DE 1991  
CAXIAS DO SUL - RS

BRABESCO

BRASIL

BIO-SUL

# FESTA DA UVA

XX FESTA NACIONAL DA UVA/XIV FEIRA AGRO-INDUSTRIAL  
DE 25 DE FEVEREIRO A  
13 DE MARÇO DE 1994  
CAXIAS DO SUL - RS

BRABESCO

BRASIL

# FESTA DA UVA 96 APRESENTA

A saga  
de um povo  
que construiu um novo  
mundo, contado no  
nosso festa do gênero  
no Brasil,  
em comemoração  
aos 120 anos  
da imigração italiana no  
Rio Grande do Sul.

# A AMÉRICA QUE NÓS FIZEMOS

XXI FESTA NACIONAL DA UVA/XV FEIRA AGRO-INDUSTRIAL  
DE 23 DE FEVEREIRO A 10 DE MARÇO/96 EM CAXIAS DO SUL - RS

BRABESCO

BRASIL

BIO-SUL

**XXII FESTA NACIONAL DA UVA**  
**FEIRA AGROINDUSTRIAL**  
 Caxias do Sul  
 RS - Brasil

27 de fevereiro a 15 de março

**1998**  
**A Festa das Festas!**  
 Uma História das Festas da Uva.

Bradesco

**Festa da Uva 2000**  
 18 de fevereiro a 5 de março

"O Trabalho e os dias de um Povo. Venha ver e festejar!"

**Festa Nacional da Uva**  
**Feira Agroindustrial**  
 Caxias do Sul, RS, Brasil

Bradesco

**Festa da Uva**  
**2004**  
 20 de fevereiro  
 a 7 de março

Caxias do Sul  
 RS - Brasil

"Terra, pão e vinho"  
 De grão em grão a história da nossa gente

25ª Festa Nacional da Uva - 18ª Feira Agroindustrial

**Festa da Uva**  
 DE CAXIAS DO SUL  
**2006**

A Alegria de Estarmos Juntos  
 De 17 de fevereiro  
 a 05 de março

Venha festejar as culturas que cantam e crescem na nossa terra

Bradesco TIM PETROBRAS



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)